

# A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO II

Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1915

Nº 19

Grupo mantenedor: Bertholdo Klinger, Joaquim de Souza Reis, Lima e Silva, (redactores); Estevão Leitão de Carvalho, Francisco de Paula Cidade, Mario Clementino, Parga Rodrigues, Jorge Pinheiro, Pompéo Cavalcante, Euclides Figueiredo, Taborda, Amaro Villa Nova, Maciel da Costa.

□ □ □

## SUMMARIO

(40 páginas)

### EDITORIAL

Homenagem a Ricardo Kirck

### PARTE JORNALISTICA

Pretenções de sargentos .....  
Exercícios do 8º Regimento de Ca-  
valaria em 1913.....  
Do Contestado.....  
Uniformes .....  
Arma de engenharia.....  
O Reg. de Infantaria de 16/12/914.  
Limpeza e conservação do fuzil e  
da clavina Mauser M./908 .....  
Impressões do concurso hippico...  
Relatório veterinário.....  
Observações sobre o R. T. I.....  
Arranчamento na caserna.....  
Diversas observações pequenas...

Redacção

Coronel Tasso Fragoso  
Comunicado  
1º Tte João Freire Jucá  
2º Tte Arthur J. Pamphiro  
E. L. C.

Capitão L. M. Andrade  
Capitão Parga Rodrigues  
Major D. B. Aragão  
2º Tte Newton Cavalcanti  
Cap. int. A. L. de Carvalho  
1º Tte João Marcellino

### NOTICIARIO

O tiro de artilharia e a cooperação do aeroplano (conclusão)  
— A fortificação de Campanha na França (continuação) — A  
Guarda Nacional e o regulamento de continências — Caçadas  
e pescarias — Concurso de apontadores — Serviço de sapa —  
Laboratório Bacteriológico — Livros recebidos — Subscrição  
para as famílias das vítimas dos “fanáticos” do Contestado  
— Expediente

# A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, JOAQUIM DE SOUZA REIS e E. DE LIMA E SILVA

N.º 19

Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1915

Anno II

Para attender á forte affluencia de collaboração sae este numero, excepcionalmente com 40 paginas.

Precisa-se de assignantes.

## EDITORIAL

**A**CAMPANHA ingloria do Contestado vai ceifando pouco a pouco a vida preciosa de nossos camaradas.

Em cada encontro com os revoltados sertanejos, ao sacrificio obscuro e humilde dos soldados, se vem juntar o ferimento ou a morte de mais alguns officiaes.

Morte ingloria e lastimavel, sobre a qual não cahem as lagrimas da patria agradecida, balsamo sagrado que suavisa a dor dos que ficam na orphandade e guia aos grandes feitos a alma dos heroes. Morte ingloria numa lucta contra irmãos, em que se entra com repugnancia e só impellido pelo cumprimento do dever, mas sem a esperança de ver seus feitos homenageados pela opiniao publica, nem seus soffrimentos chorados por milhôes de almas.

Marcha-se para o perigo estoicamente, certo de que faltarão as palmas que abafavam na arena de Roma os gemidos dos gladiadores, mortos para gaudio de Cesar e do populacho.

Sobre os nossos patricios, sobre os humildes soldados cujo heroismo obscuro se apaga no anonymato da collectividade,

sobre os nossos officiaes, os baldões de politiqueiros sem entradas, harpias que se comprazem em acceder a lucta entre irmãos para saciar interesses inconfessaveis.

E a esse côro de paixões indignas, açuladas pelos propugnadores do levante sertanejo, junta-se uma parte da imprensa, maculando a honra dos que morrem no cumprimento do dever, pedindo para elles, em vez da gratidão dos brasileiros, inquietos policiaes e a execração publica!

Triste contingencia a daquelles que no florir da mocidade votaram seus esforços á defeza da nossa nacionalidade e se comprometteram num juramento sagrado a dar a vida pela patria!

N'um paiz em que não palpita no seio do povo o sentimento do dever perante a patria, onde só raros conhecem a dureza da vida militar e mais raros ainda são os que se queiram votar ao sacrificio, é preciso pôr em destaque os que morrem como heróes, quando menos seja para educar com o exemplo os timidos e os indiferentes.

E Ricardo Kirk foi um desses heróes, roubados á patria pelo destino na lucta cruenta do Contestado. Cahiu quando fendia os ares no seu aeroplano, afrontando a tempestade em busca das posições dos fanaticos.

Chora-o, em lagrimas inconsolaveis, sua velha mãe, de quem era o arrimo. Alguns amigos cultivam com carinho a saudade desse coração nobre e generoso.

O Exercito perdeu n'elle o seu unico aviador!

Empreendedor e cheio de fé, confiava em seus proprios esforços. Nem a indiferença, nem o pessimismo que formam o nosso ambiente militar e social, conseguiram desanimal-o. Agia pelo exemplo, trabalhava com sinceridade e modestia para implantar no Brazil a aviação militar e, se não o conseguiu foi porque nunca viu secundados os seus esforços pelas autoridades a quem cabia este dever.

De volta da Europa, depois de consagrado pelos reis dos ares nos campos de aviação da França, onde estudou á sua custa, Ricardo Kirk, o primeiro militar brasileiro diplomado aviador, não encontrou no Exercito quem o aproveitasse!

Foi uma associação particular, o A. C. B., a que se deve não ter ainda desaparecido entre nós a aviação, que deu azas a Ricardo Kirk.

Quem em melhores condições do que elle para dirigir a nossa *Escola de Aviação*, elle que tinha fé em seus esforços, que era um profissional consagrado em meios competentes, além disso engenheiro e official de cavallaria — uma escola modesta, como elle desejava, e onde se aprendesse a pilotar um apparelo?

A escola fundou-se depois, com um contracto oneroso para o Exercito, e foi confiada a um estrangeiro. Fundou-se e morreu, sem ter preparado um só aviador militar. Della só restam as indemnizações a pagar...

O destino cruel havia de abater Ricardo Kirk para cujo animo corajoso e calmo, para cuja pericia e segurança poderíamos appellar. Quem guiará a nossa mocidade militar através dos ares?

## *Leitor* Pretenções de sargentos

Os boatos de reunião planejada, segundo se disse, pelos 2<sup>os</sup> e 3<sup>os</sup> sargentos e que tanto preocuparam algumas de nossas autoridades em fins do mez passado vieram relembrar uma noticia, publicada ha dois mezes por alguns jornaes d'esta Capital: mais de cem inferiores do Exer-

cito teriam pedido a um deputado lhes conseguisse do Congresso uns tantos melhoramentos.

A par de algumas cousas justas, a *modestia* das pretenções accentuava-se no seguinte: condensar todos os postos actuaes de sargentos em um só com a designação de sub-official, fardamento e espada como dos actuaes sargentos-ajudantes, vencimentos como na Armada, estabilidade do posto, suppressão dos engajamentos, tempo de serviço illimitado.

Esta ultima pretenção bem devia ser attendida, por analogia e coherencia, uma vez que foi suspensa a reforma compulsoria dos officiaes...

Taes desejos só pôdem ter nascido entre os sargentos do nosso formidavel quadro de escrevedores a mão e a machinæ, que naturalmente não se apercebem da diferença de funcções nas diversas categorias de seu posto, nem mesmo devem achar explicação para a distancia que os separa de certos officiaes, seus emulos na função e na falta de trabalho...

Felizmente, tambem ha sargentos na tropa, portanto conhecedores de seus respectivos papeis e lugares na organisação militar.

E com esses elementos saberão os poderes publicos conter a cobiça d'aquelles ingenuos indisciplinados, sem duvida muito bemvindos á politicagem sem entranhas.

Nós opinariamos por um processo sumario: inquerito para descobrir os descontentes e satisfazer-lhes os desejos, com sobra, fazendo-os logo officiaes, *mas da reserva*, de accordo com a lei de 4-1-1908.

\* \*

As medidas preventivas tomadas no lugar em que, segundo constava, se realizaria a reunião acima referida, correram o risco de despertar nos 2<sup>os</sup> e 3<sup>os</sup> sargentos a ideia de que elles são uma potencia contra a qual é preciso estar em guarda, talvez de arma embalada.

Si de facto se tivesse cogitado da tal reunião, não é evidente, que a simples certeza de que tal plano era sabido pelas autoridades e que estas *providenciaiam*, fal-los-ia desistirem do intento?

De accôrdo com o que dissemos precedentemente a melhor providencia teria sido: deixar realizar-se a reunião, *certificarse* dos presentes e attender a esses descontentes dispensando sumariamente os seus serviços ao Exercito.

Quanto aos graves motivos apontados como determinantes da reunião: 1º) os

bolsos nas tunicas, é incontestável que poderiam ser usados com vantagem por todas as praças; 2º) o uso da espada de oficial por todos os sargentos é um absurdo, ao passo que é perfeitamente justificável para os 1ºs sargentos, não só pelo exemplo do que se dá nos exercitos de verdade, como também porque elles exercem uma função distinta, complexa, importantíssima, cuja relevância sobre a de qualquer outro sargento só ignora quem desconhece tropa.

## Exercícios do 8º Regimento de Cavallaria EM 1913

(Continuação)

VIII

### EXERCICIO SOBRE SERVIÇO DE EXPLORAÇÃO

(Patrulha de Official)

Para o dia 28 de Novembro imaginei um exercicio sobre serviço de exploração. Durante o anno eu havia insistido muito sobre o assumpto, quer nos themes tacticos, quer no jogo da guerra, mostrando ser esse o problema fundamental de nossa arma. Tinha chamado com frequencia a attenção dos subalternos para a necessidade de nunca haver da parte delles a minima hesitação, quando por ventura lhes fosse commettida uma tarefa dentro do quadro da exploração tactica ou estratégica. Inspirado por essas idéas, havia ensinado a cada um individualmente, o modo de conduzir uma patrulha em busca das informações que o chefe reclama para esteiar as suas deliberações, de redigir as partes e encaminhal-as com a maxima rapidez e segurança a seu verdadeiro destino, isto é, á autoridade que as tivesse solicitado.

Na manhã de 28 fiz vir á minha presença o capitão P. e expuz-lhe o seguinte:

«Tropas vermelhas avançam para o norte pela margem esquerda do Pai-passo (affluente do Ibirapuitan). Tropas azuis estão concentradas entre Alegrete e o rio Ibicuhy. A 2º Brigada de Cavallaria azul estaciona aqui na Invernada. No dia 27 de Novembro o commandante geral das tropas azuis ordena-lhe pelo telegrapho, que marche sem demora para Alegrete, explorando na direcção do inimigo e cobrindo as tropas de seu partido. O Sr. vae meditar sobre a situação e redigir a ordem de movimento da Brigada para 28 de Novembro.»

Depois de reflectir o capitão P. apresentou-me a seguinte solução do problema:

#### 2º Brigada de Cavallaria — Ordem de movimento:

Invernada, 27 de Novembro de 1913, 9h p. m.  
Repartição das tropas e ordem de marcha:

Vanguarda — 8º Regimento:

Grosso — 7º Regimento, 17º Grupo, 9º Regimento:

1) O inimigo (tropas vermelhas) avança para o norte pela margem esquerda do Pai-passo (affluente do Ibirapuitan);

2) Nossas tropas (azuis) estão concentradas entre Alegrete e o rio Ibicuhy;

3) A 2º Brigada por-se-á em marcha amanhã para Alegrete, afim de explorar na direcção do inimigo e cobrir nosso partido. Ponto inicial da marcha: boca do Brete, em frente á casa do Mathias; Estrada de marcha: A de Alegrete (estrada de cima); a testa do grosso passará no ponto inicial ás 6 a. m. e distará da vanguarda 900 metros;

4) O 8º Regimento dará um esquadrão de descoberta e duas patrulhas de official compostas de um official e oito praças. O esquadrão romperá ás 5 h. a. m. e as patrulhas ás 4 h. a. m.; Uma patrulha explorará na direcção geral Uruguaya — Alegrete e a outra na direcção geral Uruguaya — Capella do Inhanduhv. Os officiaes escolhidos irão, antes de partir, receber ordens neste Quartel General. O esquadrão seguirá pela estrada de cima de Alegrete;

5) Cada trem de combate acompanhará sua respectiva unidade.

6) O trem de estacionamento, as columnas de munição, o comboio e o deposito de remonta móvel seguirão a columna principal á 1200 m. de distancia e serão escoltados por um esquadrão do 9º regimento e dirigidos pelo intendente da Brigada.

7) Pretendo estacionar em Jequiquá;

8) Marcharei no grosso da vanguarda. — X, coronel commandante.

Dictada aos ajudantes das unidades.

#### 8º Regimento de Cavallaria — Ordem de movimento

Invernada, 27 de Novembro de 1913, ás 9 h. 30 m. p. m.

Repartição das tropas e ordem de marcha:

Ponta — 1º pelotão do 2º esquadrão:

Testa — 2º esquadrão (menos 1 pelotão):

Grosso — 3º esquadrão, 4º esquadrão:

1) O inimigo (tropas vermelhas) avança para o norte pela margem esquerda do Pai-passo (affluente do Ibirapuitan);

2) Nossas tropas (azuis) estão concentradas entre Alegrete e o rio Ibicuhy.

3) A 2º Brigada vai por-se em marcha amanhã para Alegrete, levando como vanguarda o 8º regimento, afim de explorar na direcção do inimigo e cobrir nosso partido; Estrada de marcha: a de Alegrete (estrada de cima); Ponto inicial da marcha: boca do Brete, em frente á casa do Mathias.

4) O 8º sahirá do acampamento ás 5 h. 40 m. a. m. de modo a passar no ponto inicial ás 5 h. 52 m. a. m.

5) O 1º esquadrão se constituirá em esquadrão de descoberta e deverá providenciar para sahir do ponto inicial ás 5 h. a. m. Seguirá pela estrada de cima de Alegrete.

6) Haverá duas patrulhas de official: a 1ª (tenente C. B. e oito homens) será fornecida pelo 1º esquadrão e a 2ª (tenente V. B. e oito homens) pelo 3º. Aquella explorará na direcção geral Uruguaya — Alegrete e esta na direcção geral Uruguaya — Capella do Inhanduhv. Por-se-ão em movimento ás 4 h. a. m.; antes porem, seus commandantes irão receber ordens directas do commandante da Brigada.

7) Cada trem regimental acompanhará sua respectiva unidade; o de estacionamento se incorporará ás columnas de munição.

8) O general pretende estacionar amanhã em Jequiquá

9) Marcharei na testa do grosso da vanguarda. — X, tenente-coronel commandante.

Elaboradas estas ordens, organizamos o exercicio fazendo sahir duas patrulhas com as seguintes instruções:

1) Cada uma avançaria apenas 6 kilometros na estrada de marcha que lhe tivesse sido indicada.

2) As partes ser-me-iam dirigidas para a Invernada.

O exercicio correu em perfeita ordem. Todas as partes chegaram a destino e só por mingua de espaço não são aqui reproduzidas.

## IX

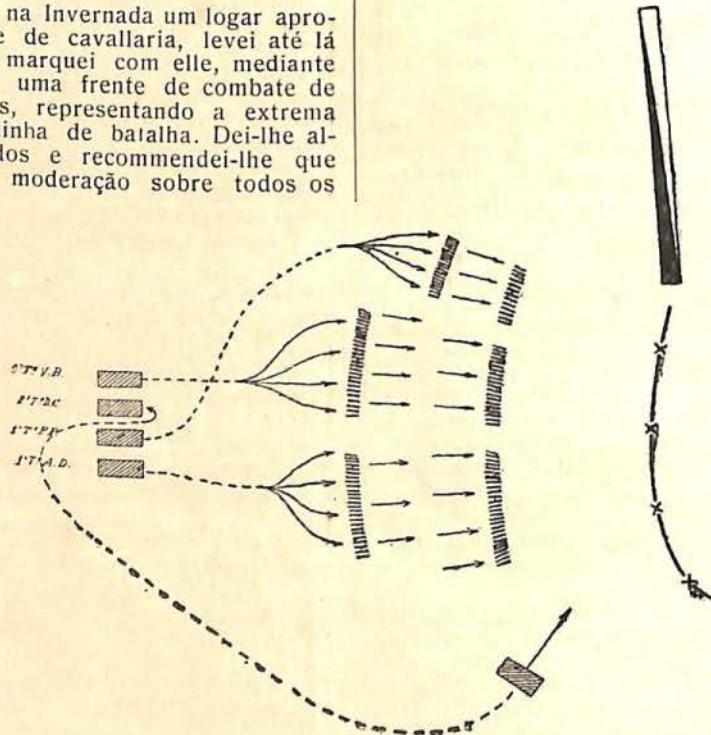
### COMBATE A PÉ DA CAVALLARIA

(Manobra contra inimigo figurado)

Tendo escolhido na Invernada um lugar apropriado a um combate de cavallaria, levei até lá o tenente C. B. e marquei com elle, mediante bandeirolas brancas, uma frente de combate de uns duzentos metros, representando a extrema esquerda de uma linha de batalha. Dei-lhe alguns homens armados e recommendei-lhe que atirasse a pé com moderação sobre todos os

de reforçar as tropas da direita no ataque ao extremo esquerdo da linha vermelha. Tome as disposições que quiser.

O capitão P. foi se approximando da região que eu lhe havia indicado, procurando desenfiar-se com o terreno. Chegado a certo ponto formou o esquadrão em linha de pelotões por quatro; a uns 800 m. do inimigo, reconhecendo não poder mais avançar a cavallo sem expor-se, apeou tres pelotões e deu a dois delles como objectivo a frente inimiga indicada. Ao quarto, que ficára a cavallo, mandou-o, por um largo movimento pela direita, vigiar o flanco adverso e atacal-o quando opportuno. Os dois pelotões estenderam em atiradores e foram avançando por lances. Mais tarde o capitão P. desenvolveu á esquerda desses o terceiro pelotão. Quando os azues já estavam muito approximados dos vermelhos, o quarto pelotão daquelle partido deu uma carga contra a linha inimiga. Nessa altura interrompi o exerci-



alvos aproveitaveis que surgissem na direcção que indiquei. Seus tiros servirão, disse-lhe eu, para indicar se a marcha de approximação do inimigo faz-se com as precauções devidas, isto é, com escolha racional de formações tacticas e de caminhos de progressão. Depois voltei ao nosso campo, formei o regimento como um esquadrão, pul-o sob o commando do Capitão P. e conduzi-o a certo ponto do terreno. Ali disse o seguinte a esse capitão:

Uma brigada mixta vermelha bate-se naquella frente (indicada no terreno) contra uma brigada azul que se extende de tal a tal ponto. O Sr. pertence ao regimento de cavallaria do partido azul, seu commandante de brigada vae effectuar o ataque decisivo contra os vermelhos tentando envolver-lhes o flanco direito; seu esquadrão recebe ordem

de reuni os officiaes, ouvi os Chefes de partido e fiz a critica nestes termos:

Numa situação como a esboçada no thema a primeira cousa que deve perguntar a si mesmo um chefe de partido é: *De que modo sera mais proficua a minha acção? A pé ou a cavallo?* Resposta sensata á pergunta só a poderá dar a situação e o terreno. O capitão P. entendeu dever apear tres pelotões. Achei que fez bem. Resolvido o combate a pé, cumpre ao commandante de cavallaria proceder com energia e reflexão; prosseguir a cavallo até onde for possivel e avançar a pé ao abrigo do terreno até a distancia efficaz do tiro. A marcha da linha de atiradores (tenentes B. e D.) merecia meus francos elogios, pois era uma das melhores que havíamos feito. Discordava sinceramente de algumas descargas

dadas pelo pelotão do tenente P. A carga do 4º pelotão (tenente C.) fôra opportuna, mas teria sido melhor si houvesse sido dirigida mais para o flanco do adversario.

## X

## EXERCICIO DE SEGURANÇA EM MARCHA

Destinei o ultimo dia a um exercicio de segurança em marcha.

Saihi do acampamento pela manhã do dia 1º de Dezembro com todo o meu corpo reunido; a certa distancia grupei os officiaes e lhes esbocei uma situação tactica em vista da qual deveríam marchar com as precauções da guerra. Fiz do 4º esquadrão minha vanguarda, mandei que o commandante delle (capitão P.) o fraccionasse em *ponta, testa e grosso*, marquei a distancia entre a dita vanguarda e o grosso da columna e proseguí no movimento. Minha intenção era sobretudo mostrar aos officiaes (mais uma vez concretamente) como a vanguarda opera em marcha por meio das patrulhas que desprende, como descofre o inimigo, como o tactea e finalmente como procura batel-o afim de desbravar o caminho para as tropas que a seguem.

Antes eu havia feito partir secretamente o tenente B. com alguns homens e concertado com elle certas surpresas na estrada que íamos percorrer. Ellas foram feitas de modo criterioso, justamente em pontos onde houvéra insufficiencia de vigilancia por parte da vanguarda. Após cada incidente, eu explicava aos officiaes a falta commettida e o meio de obvial-a no futuro.

Depois de percurso de oito kilometros, mais ou menos, recolhemo-nos ao nosso campo.

## MANOBRAS DA BRIGADA

## Primeira manobra

## Relatorio sumario das operações do partido kaki

Achava-me acampado com meu regimento, no dia 7 de Dezembro, á margem direita do arroio Capivary, quando recebi ordem do coronel commandante da Brigada para commandar o partido kaki no exercicio que se deveria realizar no dia seguinte de acordo com este tema que elle me envio por escrito:

Situação geral — Uma força inimiga que achase acampada no Capivary, dirige-se para Alegrete e a 2ª Brigada de Cavallaria recebe ordem de evitar a entrada da mesma força.

Situação particular — A força inimiga será representada pelo *partido kaki* constituído do 8º regimento de cavallaria, um esquadrão do 7º da mesma arma e uma secção do 17º grupo de Artilharia.

A 2ª Brigada de Cavallaria será constituída do 9º regimento, um esquadrão do 7º e uma secção do 17º grupo de Artilharia, representando o *partido azul*.

A acção terá inicio ás 5 horas a. m. e alem da Restinga.

Particularmente me havia dito o referido commandante que mandaria a meu encontro na manhã de 8, afim de incorporar-se a meu partido, um esquadrão de cavallaria do 7º e uma secção do 17º grupo.

Em vista do thema, puz-me em marcha para Alegrete no dia 8, tendo antes publicado o seguinte:

## Ordem de Movimento

Acampamento á margem esquerda do Capi vary, 7 de Dezembro de 1913, ás 9 horas p. m.

Repartição das tropas e ordem de marcha:

Vanguarda — 1º Esquadrão (tenente D.):

Grosso — 2º Esquadrão, 3º esquadrão, 4º esquadrão, Secção do 17º Grupo, Esquadrão do 7º:

1) *O inimigo* occupa Alegrete;

2) *O partido kaki* (8º Regimento de Cavallaria, um esquadrão do 7º e uma secção do 17º Grupo) marchará para essa cidade. Minha intenção é atacar o inimigo e batel-o onde quer que o encontre. *Ponto inicial da marcha: Casa fronteira ao acampamento. Estrada de marcha: a estrada de cima de Alegrete.*

3) *A testa do grosso* da vanguarda passará no ponto inicial ás 4 horas a. m.

4) *O grosso* seguirá a vanguarda á 800 m.

5) *O trem regimental* e o deposito de *remonta movel* só romperão do acampamento ás 6 horas a. m. Em caso de encontro com o inimigo, pararão na estrada de marcha, a 2000 m. da rectaguarda da columna.

6) O intendente tomará as providencias necessarias para que a carrocinha de remuniciamento siga na cauda do grosso, convenientemente abastecida.

7) Marcharei no grosso da vanguarda. — *Tasso Fragoso*, tenente-coronel.

Posta a columna em marcha fomo-nos approximando lentamente de Alegrete. Já havíamos caminhado cerca de 5 kilometros, quando encontramos as duas unidades promettidas. Mandei que se juntassem á columna de acordo com a ordem de movimento. Cerca de dois kilometros mais adeante a ponta da vanguarda anunciou o apparecimento do inimigo. Diminuimos a andadura, perscrutando o te.reno; afinal paramos. Percebi que o adversario estava na mesma estrada que eu seguia e vinha ao meu encontro, se é que não se havia detido para esperar-nos. Sem que me desse grande tempo, entrou logo a atacar-nos a pé com seus atiradores, perto de uma restinga. Mandei que a vanguarda lhe fizesse frente desenvolvendo-se á direita da estrada e approximiei o grosso, ampliando-lhe a frente e abrigando-o no terreno. Nessa occasião avistei grande fracção do inimigo parada na estrada, em ordem unida, á rectaguarda de sua primeira linha. Em vista disso fiz avançar a artilharia e atirar contra aquella fracção postando-se na linha de desenfiamento do material. A situação de meu partido era bastante desagradavel: estávamos num corredor de cercas de arame e nosso terreno descia com poucas dobras para o lado do inimigo. Concebi, porem, sem demora a ideia de uma manobra contra elle. Havia visto pela direita, com o binocolo, uma larga estrada, ao parecer, convergente com a nossa dentro da cidade (disseram-me depois ser a de Quarahy); informando-me de um morador de nossa estrada de marcha, perto do logar em que se achava o grosso, soube ser possível passar desta para aquella, transitando por um terreno em que havia duas portearias. Amadureci então a minha idéa, assentando a seguinte manobra: *divertir o inimigo pela frente, de modo que elle desenvolvesse contra mim o maximo*

de forças, e atacal-o no flanco esquerdo mediante uma massa de manobra que passaria para a estrada de Quarahy pela transversal reconhecida.

Comuniquei minha ideia ao major Thomé Peixoto e encarreguei o capitão P. (a quem expliquei a operação) de efectuar o golpe de flanco, dando-lhe para esse fim, alem de seu esquadrão (o 2º), o do tenente C. (3º). Fiz avançar o 4º esquadrão (capitão P.) e desenvolver-se à esquerda da estrada. O inimigo vendo o prolongamento de minha linha por esse lado, desconfiou que projectasse enovelá-lo por ali. Ao mesmo tempo mandei que a bateria mudasse de posição para uma pequena cochilha mais proxima do inimigo de modo a ficar em condições de apoiar melhor o ataque decisivo que eu organisava. O combate prosseguiu; os atiradores inimigos foram cedendo terreno. Logo que findou o prazo (20 minutos) que eu havia concertado com o capitão P., para que elle alcançasse o flanco adverso, fiz recruder a intensidade do fogo, e a energia do mo-

O serviço de remuniciamento correu sem tropeço. (\*)

### Segunda Manobra

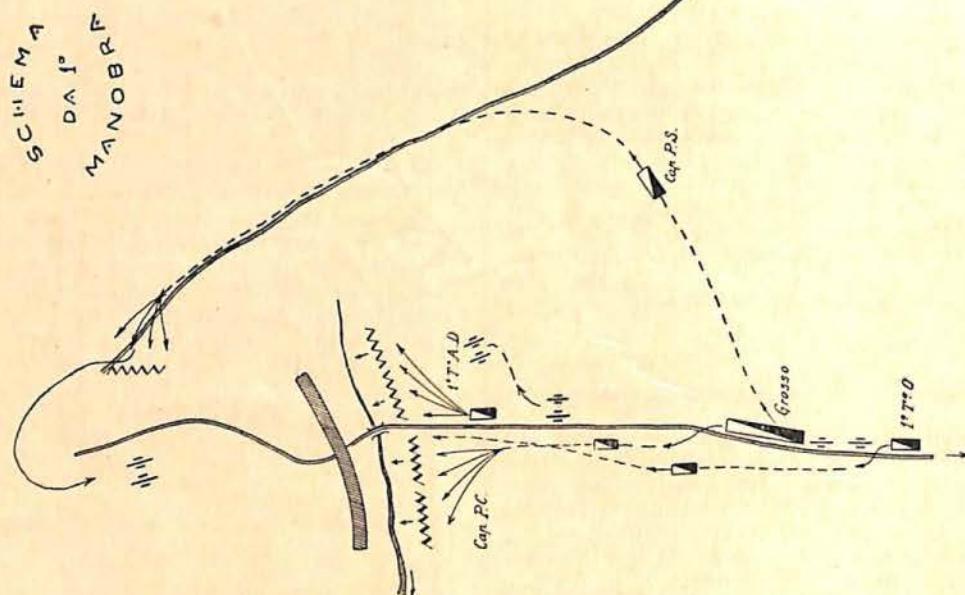
#### Relatório sumário das operações do partido kaki

No dia 10 de Dezembro recebi por escripto um thema do commandante da Brigada, concebido nestes termos:

Situação geral — A vanguarda de uma força inimiga se dirige para Alegrete que está bem defendida.

Situação particular — *Partido kaki*, constituindo a vanguarda de uma força composta do 7º regimento e do 8º de cavallaria, menos um esquadrão, e uma secção de artilharia, tem por missão reconhecer Alegrete, que se sabe achar-se guardada por força numerosa.

*Partido azul*, constituído pelo 9º regimento de cavallaria, um esquadrão do 8º e uma secção de artilharia, fazendo parte da guarnição de Ale-



vimento. O capitão P. havia logrado chegar ao flanco inimigo (vide schema) e por fim a sua retaguarda, parando ao lado da artilharia, que poderia ter tomado sem obstáculo. A manobra estonteou sem dúvida o adversário, pois houve um momento em que nos pareceu vê certo aturdimento em sua força. Comprehendendo que a crise chegaria ao auge, lancei um esquadrão do 7º numa carga pela estrada contra atiradores que eu via em retirada, talvez em busca dos cavalos.

Nessa altura ouvi o toque de suspensão do exercicio. Reunimo-nos por ordem do commandante da Brigada, formamos em columna e marchamos para o ponto da margem do Caverá, que nos havia sido indicado para acampamento.

Durante o exercicio não houve nenhum incidente lamentável.

grete, tem por missão explorar a parte leste da cidade, direcção provável do inimigo, e repelir-lo no caso de encontrá-lo.

A hora inicial da manobra será ás 4 h. p. m.

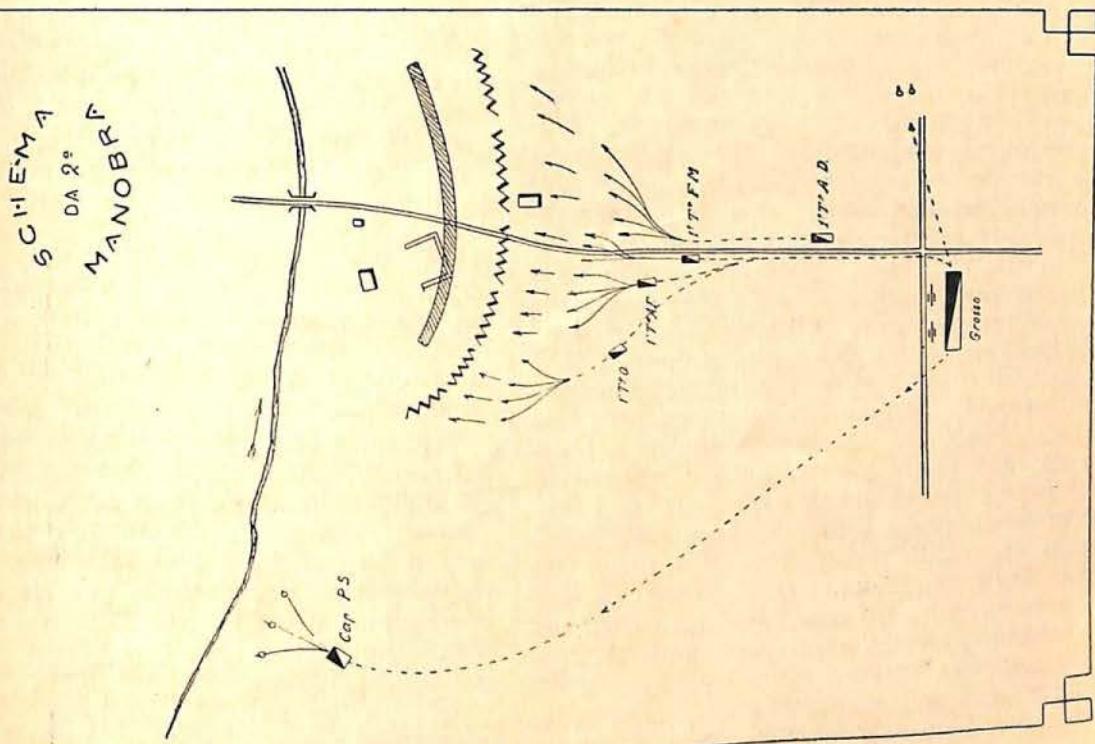
Em vista do thema, sahi do acampamento ás 3 horas da tarde, levando meu regimento em columna de estrada; ao passar pelo acampamento do 7º, esta unidade incorporou-se á minha columna. Ganhames juntos a estrada do Caverá. Mal havíamos andado umas centenas de metros, quando vi cruzando o campo da Invernada a secção de artilharia que estava destinada a meu partido. Mandei-lhe ordem para que marchasse á retaguarda do 7º. Ao chegarmos ao ponto em que a estrada do Caverá incide na de Cacequy e

quando começava a desprender meus órgãos de segurança afim de romper a marcha para Oeste (estavamos na hora inicial da manobra), percebi que a estrada que eu devia seguir já se encontrava interceptada pelo inimigo na altura, mais ou menos, dos galpões da Associação Rural. Detive minha tropa no ponto de confluencia das duas estradas e mandei que a vanguarda (1º esquadrão do 8º) taceasse o inimigo. Travou-se logo um combate a pé, do que resultou reconhecer eu que o adversário ocupava uma posição extraordinariamente favorável à defensiva, abrigando-se nas cercas de pedra que antecedem o Matadouro e no terreno fronteiro no outro lado da estrada. A attitudine delle desenhou-se-me com clareza. O caminho que eu devia percorrer transpunha o rio Ibirapuitan numa ponte de madeira. Occupando a *testa de ponte* natural que o terreno lhe proporcionava, o adversário fechava-me com energia a entrada da cidade. Concebi então contra elle a seguinte manobra, classica na passagem

Sabendo mais tarde que o campo fronteiro pertencia à Intendencia e tinha uma porteira, destaquei para elle o 2º esquadrão do 8º (capitão P.) com o encargo de guardar-me o sobredito flanco.

Sentindo-me reduzido a operar numa estreita faixa (o corredor da estrada), contra um inimigo que me aguardava em posição invejável, varrendo a explanada que eu devia percorrer antes de abordá-lo, decidi-me pela unica operação praticável no momento: Desenvolvi pela estrada o 1º esquadrão do 8º (tenente M.), e a direita delle o 3º (tenente D.), e a esquerda dois esquadrões do 7º (tenentes A. e O.). Dei como objectivo a estes ultimos o envolvimento do flanco direito do adversário.

Minhas linhas foram avançando lentamente, em consequencia das dificuldades do terreno e da resistencia do contendor. Quando este abandonou a cerca de pedra e a mangueira do Matadouro, ocupamol-a sem detenção.



de cursos d'agua: *Prendel-o de frente, simulando querer forçar a passagem pela ponte; entremedes fazer passar o grosso, a montante do rio (no Passo Novo) e manobrar com elle contra a retaguarda do inimigo.*

Nesse sentido dei minhas ordens preliminares e começava a executá-las quando soube que a transposição do rio pelo Passo Novo estava excluída (por ordem do commandante da Brigada) do campo das operações praticaveis naquele dia.

Minha situação no momento era demasiado critica; o inimigo me havia antecedido de tal forma, que eu temia pelo meu flanco esquerdo (meu partido achava-se amontoado na estrada e não se me deparava meio facil de abandoná-lo).

Neste ponto foi suspenso o exercicio.

Devo ainda dizer que o capitão P. cobriu-nos pela esquerda levando suas patrulhas até o Passo Novo, que achou vigiado pelo inimigo. Não me foi possivel fazer laborar a artilharia, por falta de lugar adequado ou, mais explicitamente, porque evitei, de acordo com as ordens recebidas, cortar os aramados dos terrenos. Recolhemos ao acampamento em boa ordem. Durante o exercicio não ocorreu nenhum incidente desagradável. O serviço de remuniciamento fez-se sem atropelo.

A. Tasso Fragoso.  
Coronel

## Do Contestado

Distincto oficial do Exercito que se acha no Contestado escreveu a um camarada desta capital uma interessante carta, da qual transcrevemos os seguintes trechos:

«Como te referiste na tua ultima carta ao triste problema do sertão e, principalmente, ao feito de 8 do passado, em que o meu abnegado batalhão sofreu baixas bem sensíveis, (6 officiaes, 47 praças e 1 vaqueano, em um efectivo de 280 homens), é natural que eu te falle detidamente sobre o assumpto.

O caso, cuja solução vem nos ocupando ha quasi dous annos, — se não mais — é realmente muito mais sério do que se pensa. Só o nosso optimismo, *tão nosso*, aggravado por noticias phantasticas, algumas vezes tendenciosas, autorisaria a crença de que isto não passa de um pequeno levante de sertanejos, sem importancia e capaz de ser facilmente suffocado. Isto não é verdade e, para proval-o, basta te dizer que a zona conflagrada já se extendeu da linha Iguassú — Rio Negro, ao norte, até o Uruguay (rio), ao sul, ou seja todo o territorio de Santa Catharina, n'uma faixa de algumas leguas. A conflagração, verdade seja dita, está hoje muitissimo reduzida, não tanto, porém, que se possa considerar extinto ou em vespertas de extinguir-se o movimento. O sertão está inteiramente contaminado pelo fanatismo, porque esse entra no caso como factor de menor importancia. Quaes são os outros? Queres saber? A politicagem local, principalmente as questões municipaes, creando todos os dias descontentes na gente pouco escrupulosa, para a qual todos os meios são licitos; a eterna questão de limites, de que se fizeram paladinos até autoridades militares superiores, que não trepidaram em fornecer elementos de guerra a bandidos sobre quem a policia devia ter as suas vistos; a liberdade sem limites em que viviam ha muito, na zona, grande numero de individuos perniciosos, escapos (por inconfessavel protecção) ás malhas do Código Penal; a credulidade infinita do sertanejo trabalhador, propenso a acreditar nos milagres do primeiro explorador que se lhe apresenta annunciando-se capaz de mara-

vilhas; a crise geral, que determinou a despedida de milhares de trabalhadores das empresas de estradas de ferro e outras e que foram lançados, assim, sem recursos, aos azares da sorte e em condições, conseguintemente, de se pretenderem vingar dos seus patrões ou dos protectores destes, capazes, portanto, de tudo quanto fôr violencia... Mas seria um nunca acabar, si eu quizesse te enumerar tudo quanto tem corrido para a sublevação do nosso *hinterland*, e não chegaria a te dizer o que foi a accão do dia 8 de Fevereiro, a mais séria de todas as empenhadas nesta campanha, a mais séria, posso te dizer, porque desde Dezembro do anno atrazado ando por aqui e sei tudo quanto realmente se tem passado.

As informações eram tudo quanto de menos exacto se pôde imaginar. Os *fanaticos*, diziam, acham-se desanimados, sem recursos de bocca, sem munição, incapazes, emfim, de qualquer reacção séria. A verdade é que os *fanaticos* têm tudo quanto se diz que lhes falta e, relativamente, em mais abundancia que nós, com o nosso precario serviço de administração, em condições identicas ao de informações. Taes cousas se dizia do inimigo, que se julgou desnecessario fornecer á columna a secção de artilharia de montanha, por ella requisitada.

Eramos cerca de 1.200 homens de infantaria, com 4 metralhadoras, espalhados em mais de 6 kilometros de profundidade e pouco menos de largura. O meu batalhão fez a vanguarda da principal columna de ataque, constituída por elle e duas companhias do 58, com 2 metralhadoras, ao todo 600 homens. O accesso ao reducto se fazia possivel por duas estradas, uma, a que seguimos e outra, a que foi percorrida pelo 51, este com menos de 300 homens, com 2 metralhadoras.

Partindo ás 6,30, encontravamo ás 8,30 as sentinelas inimigas mais avançadas, e logo depois os seus primeiros postos que, depois de alguma resistencia, foram desalojados, internando-se na matta densa, de dentro da qual, em pouco, partiam, cruzando-se na estrada por nós percorrida, projectis de todos os sistemas, desde a Mauser ao pica-pão. Os nossos flancos, sob a vigilancia de 2 companhias em linhas de columnas por dous, movendo-se difficilmente no cerrado taquaral, eram igualmente hostilisados. Não nos faltava, porém,

o impeto e assim é que varrendo a matta com os nossos fogos, em breve fizemos desapparecer os atiradores inimigos mais ousados, que, distribuidos em guerrilhas, haviam sido incumbidos de nos fuzilar com as suas certeiras pontarias, persuadidos de que não os descobriríamos. A estrada cada vez se fazia peior e em pouco as suas margens fortemente escarpadas nos impediam a protecção dos flancos.

E' que estávamos a pequena distancia do ponto principal de resistencia, para o qual só tínhamos acesso pelo pessimo caminho, ahi correndo no dorso da colina que ia morrer em grotões profundos, além dos quaes, entrincheirados numa cerca de pedras, guarneida ainda de fortes madeiros, estava o mais forte contingente inimigo, com quem devíamos nos encontrar nesse dia. Em quanto a companhia do capitão Bayma entretinha o inimigo na frente, obrigando-o a conservar-se nas trincheiras, as duas outras exploravam minuciosamente á sua direita e esquerda, sem que podessem encontrar por onde enfial-os. O nosso amigo Luiz, commandante da 3<sup>a</sup> companhia, de protecção á nossa esquerda, portou-se nessa occasião de modo admiravel, tendo a sua companhia tido 8 mortos e alguns feridos, entre estes elle com um ligeiro ferimento na mão esquerda.

Nessa situação nos mantivemos cerca de 5 horas, empenhados em forte lucta com os jagunços, tendo nos approximado da sua infernal trincheira até 30 metros, unica posição de onde a pudemos descortinar por completo. Possuíssemos uma boca de fogo, como pediramos, e nesse dia teríamos dormido no famigerado reducto. Infelizmente nos faltou isso, de modo que ás 14 horas e 30, já com grandes perdas, o coronel Estillac resolveu romper a acção e retroceder com as forças para este acampamento, a menos de 4 kilometros do famoso reducto, sem duvida o mais forte de todos os encontrados até hoje.

As nossas perdas foram numerosas e sensiveis. Entre os mortos figura o bello camarada capitão Francisco da Silva Bayma e entre os feridos o capitão-fiscal Higino Pantaleão, capitão Océas de Moraes (1<sup>a</sup> companhia) e 1º tenente-ajudante Amancio dos Santos. Rigorosamente só escapou illeso o tenente Souza Brito, secretario, porque até eu fui attingido na mão direita por um estilhaço do projectil que matou o capitão Bayma. Em 7 officiaes, 1 morto e 5 feridos!

O 51, commandado pelo major Cyriaco e cuja accão se fazia sentir pela direita do ajuntamento fanatico, já a 2 kilometros do seu objectivo começou a ser hostilizado de modo identico ao que nos aconteceu. Obrigado a percorrer estrada abaixo de qualquer classificação, permitindo apenas a fila indiana, não conseguiu ver o chamado reducto. Morto o seu unico *vaqueano*, morto o tenente Orestes e feridas algumas das suas praças, duas das quaes vieram a falecer, viu-se na contingencia de retroceder, o que fez sob a hostilidade do inimigo.

Comnosco, felizmente, o regresso foi sem maior incidente, deante da completa inactividade do inimigo, symptoma franco de que as suas perdas não foram poucas. A certeza disso temol-a conseguido por informações de varios prisioneiros, contes-tes todos na affirmação de ter havido grande numero de baixas no inimigo, tendo falecido um dos cabecilhas, cujo nome não me recordo no momento, ficando ferido um outro de nome Deodato. E' quasi certo para mim que cousa diferente talvez inteiramente contraria, tenha sido dita por ahi. A verdade, porém, é o que te relato. Não alcanço porque se ha de mentir em assumpto tão sério, escondendo á opinião e ás autordades superiores a realidade das cousas.

Os jagunços combatentes continuam em franca resistencia, *entocados* nos locaes por elles escolhidos com bastante antecedencia e com o conhecimento perfeito do terreno. A campanha da sua extincção não está por terminar; ao contrario, considero-a a menos de meio, salvo o proposito, em que não posso acreditar, de enormes sacrificios pessoaes dos nossos soldados e officiaes. Tudo mais quanto se disser é pura phantasia.

..... *Major Nestor S. Passos*

## UNIFORMES

### A proposito das recentes alterações

I. O illustre Sr. General Faria, conhedor das condições de relação que devem existir entre o uniforme e o tempo, como função de circunstancias concernentes á hygiene e á saúde da tropa, adoptou duas resoluções felizes, e que muito vieram a contento, sendo a primeira relativa á suppressão do dolman, abrandando, assim, o peso da compressão exercida pelos 1<sup>º</sup> e 2<sup>º</sup> uniformes, excepção feita dos generaes; e a segun-

da, a que aboliu as apresentações em 3º uniforme, consagrando para essa cerimonia, indistintamente, os 4º e 5º.

Attinentemente á primeira medida, é pena que, devido á despesa a que obrigaría a tunica com bordados de ouro no 2º uniforme, não tenha ella podido ficar extensiva aos generaes, o que veio quebrar a harmonia do plano.

Com effeito, supprimido o dolman, como está, para a tropa, não é justo onerar os actuaes coroneis, com a aquisição dessa peça, quando elevados ao generalato.

O Sr. Ministro, espirito lucido e recto, certamente encontraria uma formula conciliatoria, se ainda se dignasse de ponderar sobre o assumpto.

Assim, por exemplo, poderia ficar assentado que os coroneis e generaes de brigada, existentes no momento da adopção, por hypothese, das modificações respeitosamente aqui aventadas, usassem, quando elevados a posto subsequente, os actuaes uniformes do estado maior general, porém, com as alterações abaixo:

a) 3º uniforme (O. D. Ex. n. 137 de 30 de novembro 1908), substituído ahi o kepi garance de cinta azul ferrete bordada a retroz preto, pelo gorro nas mesmas condições, acompanhando o bordado a orla deste, a exemplo dos galões nos dos officiaes.

Na armação desse gorro seriam usadas capas garance, kaki e branca, simples como as dos outros officiaes e dispostas identicamente, o que implicaria grande economia nos uniformes 4º (branco) 5º e 6º (kaki: flanella e brim), com a suppressão das actuaes armações e capas bordadas, especiaes, caríssimas.

b) 2º uniforme (mesma ordem do dia), substituído o dolman pela tunica da mesma fazenda, com a gola e canhões bordados a ouro, como o são na peça suprimida.

c) 1º uniforme (O. D. Ex. ns. 302 de 20-9-1903 e 561 de 5-7-1894), substituído o chapéu armado guarnecido de galão especial de general e armiño, pelo kepi do 2º uniforme e tope azul e branco, de pennas em forma de chorão (modelo actual — O. D. Ex. n. 137 de 30-11-1908); e também a sobrecasaca pela tunica do 2º uniforme, já referida; usando, porém, a banda a tiracollo, da direita para a esquerda, a exemplo dos officiaes da marinha uruguaya, ficando o laço junto á espada, á frente desta, e por cima da banda o talim de galão especial de general.

d) 4º, 5º e 6º uniformes (O. D. Ex. n. 137 de 30-11-1908), substituídas as actuaes armação e capas bordadas, pela armação do gorro do 3º e capas communs das usadas pelos officiaes.

Por outras palavras: os uniformes de generaes seriam modificados, como acima, tornados, entretanto, facultativos aos generaes existentes no momento da alteração; isto é, ficaria permitido, a esses generaes, ainda o uso dos actuaes uniformes, e isso attendendo ao alto custo dos mesmos.

As trocas do dolman e da sobrecasaca pela tunica nas mesmas condições e do chapéu armado pelo kepi já existente no 2º uniforme e o tope, cremos, não viriam contrariar os interesses e os desejos dos coroneis aspirantes ao generalato, em geral, persistindo quanto á eliminação

do dolman, sem duvida, para os generaes, as mesmas razões que a motivaram para os demais officiaes.

II. Comparando o custo das peças creadas (tunica com bordados de ouro, armação de gorro bordada a retroz preto, tope e capas simples) com o das suprimidas (sobrecasaca com bordados de ouro, chapéu armado com armiño e galões especiaes de general, dolman com bordados dc ouro, kepi com cinta bordada a retroz preto e armação com capas kaki e branca, bordadas), notar-se-á, evidentemente, a enorme redução de despesa que a modificación determinaria, alliando, ainda, á simplicidade a esthetic.

E essa redução torna-se tanto mais opportuna quanto é certo que os vencimentos sofreram notável corte com a tributação de impostos; e justifica-se com tanto mais razão quanto profunda desegualdade existe entre os quantitativos que o official do Exercito recebe, por adiantamento, quando é promovido, comparados com os que recebe o da Armada.

A este abonam 3 mezes de soldo, indemnizaveis pela 5ª parte, de acordo com o artigo 50 da lei Thomaz Cavalcante n. 1473 de 9-1-1906 (O. D. Fx. n. 469, desse dia), o qual não foi revogado pela lei Pires Ferreira, n. 2290 de 13-12-1910 (B. Ex. n. 94 de 15).

De modo que um capitão de mar e guerra e um contra-almirante, promovidos ao posto imediato recebem respectivamente 3:800\$ e 4:700\$, ao passo que um coronel e um general de brigada, em identicas condições ás acima, recebem apenas 1:200\$, e isso porque a lei orçamentaria da guerra faz restrições a respeito, o que não sucede com a sua correlativa da marinha, não obstante transitarem ambas pelas commissões communs de marinha e guerra e pelas de finanças das duas casas do Congresso.

Que o aviso sirva aos nossos camaradas com assento nessas casas.

III. A suppressão do dolman para o official, a qual já houvera sido feita para a praça, teve como consequencia harmonizar o 1º uniforme da praça com o correspondente do official, faltando, apenas, para a completa harmonia do 2º que as praças passem a usar as charlateiras neste.

Conviria, pois, fazer-se tal extensão.

IV. Com relação á segunda medida, tornando o uniforme branco tambem como de apresentação, ella veio fazer reviver uma antiga aspiração para a tropa da guarnição da Capital Federal.

Referimo-nos ao desejo de que o 1º uniforme, de formatura, bem entendido, obrigatorio, alias somente nesta Capital, passasse a ser branco.

E é reconhecendo que da alta administração não está divorciada a preocupação do bem-estar da tropa, que nos animamos a apresentar ao liberal espirito do Sr. Ministro mais essa medida que, resolvida por S. Ex., seria complementar.

Não é essa uma idéa estapafurdia. A Armada e a Brigada Policial que o digam, visto haverem-na adoptado com comodidade e elegancia. Não se compadece, nas formaturas de conjunto, a obumbração compacta do Exercito com a leveza alvincente dessas corporações.

As datas nacionaes, exceptuada, nem sempre, a da independencia, coincidem com o maior rigor da estação calmosa; assim o 15 de novembro, o 24 de fevereiro, etc.

E é perfeitamente logico procurar amoldar o uniforme ao clima.

Os officiaes estão perfeitamente apparelhados para semelhante inovação, bastando que adptem á armação do gorro o dispositivo identico ao do kepi, para a collocação do tope, como sucede com as dos gorros dos alumnos da Escola Militar, usando dragonas, dispensados os galões das calças.

Do mesmo modo procederiam os generaes, adoptadas que fossem as modificações a) do 3º uniforme e c) do 1º, acima expostas.

Com respeito ás praças, alias, somente na Capital Federal, não se daria aumento de despesa com a adopção da providencia proposta.

Pelo contrario, dahi resultaria economia, passando as praças a receber, mas *como carga* das unidades, calça, tunica e capa brancas e mais a armação de gorro com o porta-pompom, como já ficou dito, em substituição da calça e tunica de pano (carga da unidade), para o que a tabella n. 4 de fardamento (1º e 2º uniformes de praças desta guarnição, Bol. do Ex. n. 385 de 31 de Outubro de 1914) seria correspondentemente modificada.

A demonstração é facil.

Custum ao governo as duas peças em voga (quadro comparativo da tabella):

Tunica de pano.....	15\$233
Calça de pano garance...	11\$710
Somma .....	26\$943

A firma Miranda Guimarães e C., á rua Sachel 26, compromette-se a fornecer, apresentando gratuitamente o modelo:

Tunica de brim branco (gre-guella nacional do Rio Grande) .....	8\$000
Calça idem .....	6\$200
Armação com porta-pompom com capa branca a ella presa por colchetes de pressão (capa só \$800)	3\$300
Somma.....	17\$500
Diferença para menos ....	9\$943

Esse fardamento branco pode ter grande duração devido ao seu muito pouco uso, e o D. A. o terá por menos mandando fazer.

No ponto de vista hygienico é indiscutivel a sua superioridade.

Basta dizer que depois de cada formatura elle será recolhido á arrecadação completamente tratado, o que não sucede com o de pano que, embora transudado por uma praça terá que servir posteriormente para outra que a venha substituir na unidade.

Trata-se aqui somente do 1º uniforme, de formatura, e não do 2º, porque este é só proprio para funeral (de generaes, etc.)

Ora, não sendo mais prestadas honras fune-

bres nas horas de grande calor, ou forte chuva que possa comprometter a saude e os uniformes da tropa, (art. 69, § 3º, do R. de continencias, de 20-1-15), não ha razão de ser para a substituição desse uniforme pelo branco, salvo juizo mais auctorizado; continuando elle como está para os funeraes que lhe correspondem, *nos dias frios*, caso unico em que ainda essa ceremonia se pode realizar.

Nesta hypothese, a calça garance e a tunica de pano seriam as mesmas do 3º uniforme, já pagas ás praças, segundo a tabella n. 1.

Essas peças bastarão perfeitamente, não só porque o 2º uniforme é raramente usado, como também porque o 3º é limitado quasi exclusivamente aos domingos, *mesmo em serviço*, praxe que nada a justifica, principalmente em época de verão.

Ficaria subentendido que em solemnidades, comprimentos de gala, etc., os officiaes, inclusive generaes, usariam isoladamente o 1º uniforme de pano.

Nenhum inconveniente haveria na duplicitade do 1º uniforme, conformemente ás circumstancias.

Prova disso é o duplo de apresentação ultimamente estabelecido.

E' opportuno dizer alguma coisa sobre o uniforme facultativo approvado pelo decreto numero 10 527 de 29 de outubro de 1913 (B. do Ex. n. 345 de 20-4-14) e que substituiu o do plano publicado na O. D. Ex. n. 520 de 30-9-06.

E' assim que para os *actuaes* generaes poderia ser permittido o uso do actual 1º uniforme, como facultativo, de cujo plano aliás já fazem parte o chapéo armado e os bordados.

Outra alteração impõe-se:

O uso das dragonas com a casaca desse plano.

O chapéo armado assim o exige.

Usam-nas sempre os officiaes de Marinha em uniforme correspondente.

Alem de fazer cessar essa disparidade, as dragonas tornariam o uniforme mais distinto e imponente.

V. No periodo doloroso de penuria que o Paiz attingiu, nesse estado tremendo de decadencia financeira cujos effeitos se querem reparar á custa das aperturas de tantos lares, é manifestação relevantissima de patriotismo procurar alliviar os encargos da Nação, reduzindo as despesas desta ao minimo imprescindivel. E fica bem ao Exercito ser solidario com esta ordem de coisas.

Nestas condições, está uma medida que poderia talvez ser adoptada.

Referimo-nos á suppression da polaina branca. Custa um par desse atavio, presentemente, para as praças, 2\$760 réis, não falando nas dos alumnos da Escola Militar (de brim de linho, como as dos officiaes, certamente muito mais caras) e nas dos tres Collegios Militares.

A escassez de materia prima devida á conflagração europea, por força influirá nos preços futuros.

Avie-se a diminuição, em media, de 3\$000, pouco mais ou menos, por praça e alumno e ter-se-á approximadamente o quanto de economia de caracter permanente.

Reconhece-se a perfeita prescindibilidade de semelhante appendice.

Não se torna mesmo esthetica a sua adaptação sobre as volumosas dobras da calça garance, onde fica toda frouxida, desgraciosa e mal conformada.

Resolvida a suppressão da polaina branca e criado o 1º uniforme dessa cor, passaria a ser usada nesse uniforme e no 2º a polaina de couro marron, já pertencente à tropa como peça de equipamento (25ª obs. da tabella n. 1).

Nesses uniformes, e, portanto, nesta Capital, o uso da polaina se justifica para colher as dobras da calça, semelhantemente aos borzeguins do soldado alemão, porquanto, tratando-se de fardamento que é carga da unidade, sucede que uma mesma calça poderá servir sucessivamente a mais de um individuo, cujas pernas, por consequencia, não serão do mesmo comprimento.

O aproveitamento das polainas brancas no uniforme branco daria talvez a impressão de que a tropa estava em *habitos menores*.

Conviria antes que ao D. A. fossem recolhidas todas as existentes nos Corpos e nas Indenidades Regionaes, as quaes poderiam ser vendidas em hasta publica, venda a que provavelmente não seriam indiferentes os cirurgiões com vistas ás milícias e collegios civis, talvez.

Adoptada a polaina marron para a infantaria, nos 1º e 2º uniformes, ahi estariam comprehendidos os officiaes a pé, que não usam botas.

Quanto aos montados, inclusive generaes, seria extensiva a elles a perneira de couro, nas mesmas condições, podendo portanto ser supprimida a bota.

Nesse artigo perneira ha *optica* demais.

A 25ª observação da tabella n. 1 fala em perneiras de couro amarelo, polainas de couro marron e perneiras de couro preto, alem das polainas brancas.

Na Artilharia de Campanha, por exemplo, nota-se que só os officiaes e serventes possuem perneiras amarellas, sendo que os ultimos também usam polainas brancas, ao passo que os conductores recebem exclusivamente a perneira preta!

VI. Ainda polainas. Agora sobre o seu uso demasiado.

Em bem da tropa, conviria abolir o uso da polaina nesses serviços exhaustivos de guardas e guarnição, etc., de 24 a 29 horas, ás vezes, como sucede com os corpos aquartelados na Villa Militar, na dependencia das horas de rendição e dos horários dos trens.

O Sr. General Agobar, actual commandante da Brigada Policial, perfeitamente conhecedor do mal-estar que essa peça produz no homem de serviço nas condições acima, já a aboliu, nessas circunstancias, pelo menos.

Fóra dos 1º e 2º uniformes, como linhas atraç se disse, a polaina de couro poderia ficar exclusivamente para as formaturas de exercícios no campo, em manobras e em campanha, extensiva a qualquer uniforme nesses casos mencionados.

Demais, a restrição do uso dessa peça, que custa 12\$500, aumentaria, em beneficio do The- souro, a duração da mesma, tanto mais agora

que, pela tabella, recentemente em vigor, é carga da unidade, sem época definitiva de duração, visto dever ser substituida de acordo com as instruções de 14 de agosto de 1890, conforme a 25ª observação da tabella n. 1.

VII. Outra providencia sobre uniformes de serviço e de passeio.

Os serviços internos nos corpos, ahi comprehendidos os exercícios fóra de cidade, deveriam ser dados *exclusivamente* no uniforme mescla, que também o é de fachina e de folga das praças, conforme a 24ª observação da tabella n. 1, citada, devendo-se, porém, subentender essa folga no *interior* ou *immediações* dos quartéis, quando sejam estes afastados de centros populosos.

Pela actual tabella, o homem ao alistar-se recebe esse fardamento em duplicita, o que permite o seu uso alternadamente. Esse uniforme tem a duração de 4 meses.

O uniforme kaki ficaria reservado ao serviço externo e ao passeio das praças.

Com relação á providencia ultimamente tomada de estender o uso facultativo do uniforme mescla aos officiaes de infantaria e cavallaria, nota-se desuniformidade no calçado com elle usado: ha quem n'o use preto, amarelo e ainda da propria fazenda mescla!... Não se justifica também o uso do galão branco no gorro para esse uniforme. A armação do gorro kaki é bastante, prescindindo-se assim de mais uma peça de fardamento.

O 3º uniforme poderia só dever ser usado em actos de certa solemnidade, como enterro, missa, etc., e mesmo em passeio, porém, mediante licença, como sucedia outr'ora; mas esta, agora, devendo ser dada por escrito, pelo comandante de companhia, etc., ou pela repartição onde sirva a praça.

O oficial não o usará mais no diario, principalmente por haver elle sido encorporado aos 1º e 2º uniformes, tendo as apresentações passado a ser feitas nos 4º e 5º.

Assim sendo, o uniforme externo de dia, marcado pelas regiões aos corpos, teria menos oportunidade de ver-se assediado.

Seria de desejar que nesta guarnição se obedesse ao uniforme marcado pela Região, como sucede em toda a parte fóra do Rio de Janeiro.

Causa mau efeito essa promiscuidade de uniformes da guarnição.

Quem está arregimentado dentro das brigadas obedece ao uniforme marcado pela Região; quem está servindo extra Região julga poder eximir-se dessa exigencia.

Providencias, pois, poderiam ser estabelecidas pelo Sr. Ministro, dentre as quaes a capital de que o uniforme para o serviço externo fosse sempre o kaki, considerados externos os serviços de repartições extra quartel de tropa.

Assim, implicitamente, todo o mundo estaria comprehendido no uniforme diariamente marcado pela Região.

Para terminar, tendo tratado de uniformes, não podemos deixar de almejar que a questão do calçado para a tropa seja resolvida com a possível brevidade. O nosso soldado está descalço. Esse calçado *racional* foi um desastre. A botina em uso não satisfaz.

O Capitão Souza Castro submetteu ao governo um typo que, experimentado, deu optimos resultados.

Falamos com conhecimento proprio, auctorizado pelo uso desse calçado.

Emfim, ou esse ou outro que melhores condições offereça.

O que é indispensavel é que essa questão urgente seja solucionada.

Não é preciso encarecer mais, falando para profissionaes.

Por ultimo, lembramos a conveniencia de serem as recentes medidas decretadas a titulo provisorio, tornadas definitivas; e, resolvidas quaequer posteriores alterações, como as aqui indicadas, que seja mandada fazer uma consolidação de todas as disposições concernentes a uniformes, de modo a se ter um trabalho uno e completo de tudo o que ha por ahi esparso, imprimindo m+1 modificações ao primitivo plano.

Sumariemos:

I. 1. Adopção, para os actuaes coroneis e generaes de brigada, quando elevados a posto subsequente, das modificações a), b), c), d), aqui aventadas e relativas aos actuaes 3º, 2º, 1º, 4º, 5º e 6º uniformes do estado maior general, naturalmente tornadas facultativas aos generaes existentes no momento da publicação das modificações introduzidas.

II. 2. Cohibição no orçamento da guerra do dispositivo relativo ao abono a officiaes recentemente promovidos ou graduados, de modo a não ficarem privados das vantagens que lhes assegura o artigo 50 da lei Thomaz Cavalcante, n. 1473 de 9 de janeiro de 1906, visto não estar comprehendido nas disposições em contrario á lei Pires Ferreira, n. 2290 de 13 de dezembro de 1910.

Essa medida é de absoluta indispensabilidade, principalmente ccm relação aos generaes. Com 1:200\$ lhes é totalmente impossivel obter os uniformes a que são obrigados.

III. 3. Extensão das charlateiras ao 2º uniforme de praças, como já succede com os alumnos, pelo menos os dos Collegios Militares (observações da tabella n. 9).

IV. 4. Adopção do 1º uniforme branco para formatura, sendo para isso adaptado á armação do gorro dos officiaes (inclusive generaes, suposta creada para elles essa peça), o dispositivo para tope, bem como passando a ser pago ás unidades, na Capital Federal, em lugar da calça garance e tunica de panno, da tabella n. 4, uma armação de gorro nas condições acima, presa a ella, por colchetes de pressão, a respectiva capa branca, e mais uma calça e uma tunica brancas.

5. Admittida a modificaçao 4, tornar extensivo no 2º uniforme o uso das mesmas calça e tunica do 3º, pagas segundo a tabella n. 1.

6. Abolição da praxe do 3º uniforme para serviço de guarnição.

7. Manutenção do 1º uniforme de panno para os officiaes, inclusive generaes, supposto adopta-

do o branco correspondente, nas solemnidades, comprimentos de gala, etc., fóra das formaturas.

8. Permittir o actual 1º uniforme de general (sobrecasaca bordada), como facultativo, em vez do correspondente (casaca de talhe commum, etc. B. do Ex. n. 345 de 20-4-14); e bem assim tornar extensivas a esse uniforme as dragonas.

V. 9. Abolição da polaina branca; passando a ser usada nos 1º e 2º uniformes a polaina de couro marron ou amarelo, da cõr do cinturão da praça. Conviria dirigir a attenção para a perneira preta, afim de substituirl-a pela marron ou amarella. O mesmo com relação á bota.

VI. 10. Além de nos 1º e 2º uniformes, o uso exclusivo da polaina perneira de couro marron ou amarelo da cor do cinturão, somente nas formaturas de exercícios no campo, em manobras e em campanha.

VII. 11. Que o serviço interno passe a ser dado *exclusivamente* com o uniforme mescla, alem de fachina, e das folgas, no interior e immediações dos quartéis afastados de centros populosos, como, aliás, deixa entrever a 24ª observação da tabella n. 1.

Cumpre dar distintivos numericos a esse uniforme, como succede com os demais.

Dentro mesmo do regimento não se sabe a que grupo ou batalhão pertencem as praças.

Alem disso as divisas desse uniforme são pretas, conforme o plano de uniformes (O. D. Ex. n. 137 de 30-11-08, pg. 2381). Corpos ha que as toleram de garance.

Outra coisa. A praça não usa tunica mescla e sim blusa. Isso é o que diz a tabella n. 1. No entanto já se vão vendo praças com tunicas dessa fazenda depois que mandaram pagar, pela tabella citada, 22ª observação, a armação de gorro com pala.

12. Que ao uniforme kaki, em consequencia, fique *exclusivamente* reservado o serviço externo, permittido, entretanto, o branco aos officiaes, nas repartições.

13. Que seja somente permittido o uso do 3º uniforme, á praça, mediante licença escripta do respectivo commandante de companhia, etc., ou da repartição onde sirva a mesma.

14. Que seja dada uma urgente solução sobre o calçado.

Suprimida a salteira, como está, e calçando se o official á sua custa, e attendendo a que não fica bem andar fardado, calçado a civil, o que infelizmente é corriqueiro, e vice-versa, talvez não fosse fora de propósito alliar os dois typos de calçado do official num só, o borzeguim com elastico, por exemplo, o qual, sem prejuizo das propriedades inherentes á «Botina Militar» Souza Castro, caso fosse o respectivo calçado adoptado, podesse commummente prestar-se a todos os actos, com economia para o official e sem prejuizo para o serviço, aliadas á estheticá do formato, a commodidade e presteza no calçar.

15. Não esquecer que o cantil deve ser tornado obrigatorio em todas as formaturas de paradas, funeral e exercícios, etc., fora do quartel.

Se bem que isso seja logico, no entanto não se pratica e sucede, ás vezes, verem-se, na tropa, officiaes e praças sedentos, sem poderem tirar partido de um objecto que tem justamente a sua utilidade no momento adequado, o qual no entanto tem sido posto de lado nas formaturas de cidade.

Uma beberagem preparada com um pouco de café deitado no cantil com agua é usada pelas tropas europeas, em circumstancias, assim resistindo e combatendo a sede.

Conviria, pois, tornar obrigatorio á tropa o uso do cantil fazendo-o estensivo tambem aos generaes.

16. Que sejam tornadas definitivas as recentes disposições provisorias sobre fardamento, convindo fazer-se uma consolidação de todos os dispositivos vigentes a respeito do assumpto.

Fevereiro de 1915.

1º Tenente *João Freire Jucá*

1º Regimento de Infanteria

## ARMAS DE ENGENHARIA

### V

Si por um lado é premente necessidade para a arma de engenharia possuir um regulamento para a execução dos seus serviços, por outro elle só poderia ter o caracter de efficiencia perfeita, si já fosse a arma em questão dotada de material apropriado.

Comprehende-se que, muitos serviços ha, cuja regulamentação independe do material; outros, porém, carecem do typo adoptado visto com elles variarem as instruções.

Exemplo da primeira asserção encontramos na construcção das pontes de circumstancias, isto é, naquellas construidas com os recursos locaes; exemplo da segunda no lançamento das pontes de equipagem.

E' bem de ver que a organisação do regulamento para os serviços já é um passo agigantado dado para o progresso da arma.

Urge, porém, fixar ou melhor, escolher o material que deve ser adoptado. Escolhido elle, comprehende-se, facilimo seria a organisação do regulamento ora em prepano.

Assim, si por um lado, a commissão actual, posto á margem o autor destas li-

nhas, sahir-se-á galhardamente de sua investidura, por outro, seu trabalho deve-ria ser posterior ao de outra encarregada de escolher e adquirir o material, visto que não comporta a actual esta attribuição, pois que são funcções completamente di-versas.

Mais ainda, quer-nos parecer, a época actual não ser asada para a escolha em questão, porquanto os successos que ora enlutam a Europa, impedem que se recorra aos exercitos modelos, *in loco* e experimen-talmente, pois suppomos a erudição bebi-da em livros não é sufficiente para a resolução de problema tão importante.

Não longe entretanto cremos, estará o dia da realisação deste nosso desejo.

Si bem que ella venha *depois* quando deveria vir *antes*, em todo o caso mui facil será adaptar ao material adquirido o regu-lamento de que ora se cogita, então cer-tamente já em vigor.

*Arthur J. Pamphiro*

2º Tenente de Eng.

## O Reg. de Infantaria de 16 de Dezembro de 1914

49. *Sentido!... com o bico do couce na altura do pé.*

Diz a critica: «A que ponto do pé o bico do couce corresponde? A resposta a esta pergunta vem no final do n. 58 que trata de descançar arma.»

Comparando a redacção do final do n. 58 — *o soldado coloca rapidamente o bico da corona na altura da ponta do pé... com a disposição do n. 49 — com o bico do couce na altura do pé, vê-se, sem grande esforço, que se trata de um erro de revisão, cuja errata a propria critica achou no n. 58.*

Demais, nenhum instructor teria duvidas sobre o ponto do pé a que corresponderia o bico do couce.

51. *Deitar! O soldado primeiro afasta com a mão esquerda as cartucheiras para os lados e ajoelha (50).*

*Coloca então a mão direita no terreno e deita-se para diante. Os pontos de apoio successivos do corpo são o joelho esquerdo, a mão direita e o cotovelo esquerdo.*

Diz a critica: «Temos visto executar este movimento de dois modos: uns collocam no terreno antes do joelho esquerdo a mão direita e outros, em vista da palavra *successivos*, antes da mão direita levam o joelho esquerdo.»

Não vemos como um texto tão claro podesse ter autorizado alguém a se afastar do Regula-mento. Porque apoiar no chão, primeiro a mão direita e depois o joelho esquerdo?

A prescrição não o autorisa, dando até os pontos de apoio successivos do corpo.

Se se apoia a mão direita antes do joelho esquerdo, erra-se duas vezes. Erra-se porque se vae de encontro ao que prescreve o Regulamento, que diz: *joelho esquerdo, mão direita, cotovelo esquerdo*; erra-se porque o soldado é obrigado, depois de apoiar a mão direita, a levar o joelho esquerdo para traz, afim de se poder deitar e, portanto, *não se deita para diante*, como está no n. 51 e sim no mesmo logar em que estava.

53. Diz a critica: «Notei falta de clareza neste numero. Além disso, só se pôde dar a voz á vontade! achando-se o soldado em uma das posições de ajoelhar ou deitar.

Quando tivermos de dar certa liberdade á tropa, em outra situação, que voz devemos empregar?»

O Regulamento, no numero citado, assim se exprime: *não poderão conversar nem fumar; quando deitados, erguer o busto.*

A omissão do tempo finito do verbo na ultima oração, em nada prejudicou a clareza do sentido, uma vez que o — *não poderão* — se acha muito proximo, regendo tambem um infinitivo — conversar. Pôde não se ter gostado da maneira de dizer.

A voz á vontade! foi intencionalmente reservada para os casos em que a tropa precisa de alguma liberdade em forma, mas não pôde ensarilhar as armas. Só, portanto, quando estiver ajoelhada ou deitada, o que se dará sempre que se procure occultar-a ás vistas do inimigo, sob a possibilidade de uma entrada immediata em combate (tropas de apoio e de reserva).

Toda vez que se possa ficar de pé, e é o caso tambem das formaturas do tempo de paz, diz o n. 13 que se deve mandar descançar, sempre que não haja necessidade de conservar a tropa firme, fazendo-a ensarilhar armas e debandar, toda vez que isso for possível.

#### 56. Apresentar arma!

Diz a critica: «Achei exquisita, incomoda e pouco elegante a posição do punho do ante-braço esquerdo neste movimento.

Pelo regulamento substituido a braçadeira inferior devia ficar na altura da gola e com este ponto de referencia, desde que os homens estivessem por altura, as boccas das armas ficariam em um mesmo plano. Perdemos com a suppressão desta exigencia.»

Se bem que tivessemos optado, no seio da comissão, pelo manejo d'armas do regulamento alemão, simples e pratico e ao qual tambem pertence a prescrição cuja suppressão a critica lastima, em todo caso, devemos confessar que sem achar exquisita (?) ou pouco elegante, a posição do pulso esquerdo, lhe reconhecemos até algumas vantagens, entre as quaes — a commodidade. De facto, sendo o apresentar arma destinado a continencias e paadas, onde se exige dos homens uma demorada permanencia nesta posição, é claro que se torna muito mais comodo aos soldados ter esse ponto de apoio para o pulso esquerdo, do que se mantivessem as armas livres, como no antigo Regulamento. Assim poderão manter, durante toda a ceremonia, as armas na mesma posição, uma vez que o ponto de apoio lhes diminue a fadiga.

Além disso, sempre que a fileira estiver per-

filada, as armas apresentadas, sem maior esforço, tambem o estarão, o que não se dava com o prescripto no antigo Regulamento, em que a fileira estando perfilada, uns homens teriam as armas mais atastadas do corpo que outros, dando má impressão da tropa quando vista de perfil.

Só a custa de um grande esforço durante o periodo de instrução da companhia se poderia corrigir esse defeito, ainda assim facilmente reproduzido.

A nova prescrição dispensou este trabalho.

#### 58. Descançar arma!

«Tambem não conseguimos comprehender a razão de ser da introdução da parte complementar do 2º tempo, isto é, ... e une a arma ao corpo, tornando-se dest'arte, difficil, um movimento que era executado com facilidade.»

A razão é simples: facilitar aos homens colocar o bico da corona junto do pé direito.

Como prescrevia o antigo Regulamento, a arma, trazida do ombro esquerdo, vinha assentar no chão, na posição inicial. Os homens collocavam-na como podiam, resultando d'ahi ficarem para a frente, ou para traz, algumas vezes para o lado, mais do que convinha.

De acordo com o final do n. 58, a parte superior da arma (fig. 2º tempo) fica sufficientemente afastada do corpo, para permittir ao homem collocar o bico do couce na altura da ponta do pé, tendo para isso o necessario tempo, uma vez que — os diversos tempos de que se compõe o movimento são executados seguindo-se uns aos outros na cadencia do passo ordinario (54).

Desse modo, quando se ultimar o movimento as armas estarão todas em seus logares.

#### 59. Apresentar arma!

«Dois pontos tão afastados, como sejam a braçadeira inferior e o que corresponde á alça de mira, devem ficar na altura do ombro direito no primeiro tempo deste movimento, o que é um absurdo e, ainda mais, na figura correspondente nenhum dos mesmos pontos se acha na altura do referido ombro.»

Tem razão o distinto camarada. Ha no artigo uma phrase de mais, que tornou absurda a prescrição; devem ser suprimidas as palavras — na altura do ombro, que se acham no final da 4.ª linha e no começo da 5.ª do n. 59. Não sabemos como escapou essa falha á comissão, nem a nós que a escrevemos, e fizemos a revisão das provas.

Na figura, a braçadeira inferior está realmente um pouco acima do ombro.

#### 64. Armar bayoneta!

«Partindo da posição de ombro-arma, a pé firme ou em marcha, procede o soldado como em descançar arma á voz de advertencia?»

O Regulamento não diz nem podia dizer, que o movimento de descançar-arma, preparatorio para o de armar-bayoneta — quando a arma está no ombro, deva ser feito á voz de advertencia, isto é, á voz de armar. Isto porque o n. 63 prescreve que, qualquer que seja a posição da arma, e durante qualquer movimento, seja a voz de commando ou a toque de corneta, o movimento é sempre feito á vontade.

#### 65. Cruzar bayoneta!

«Para se trazer a arma á primeira posição

deste movimento, são necessários tres tempos, que poderiam perfeitamente, e com vantagem, ser reduzidos a dois, desde que o — voltando a bandoleira para a frente — fosse executado pela mão esquerda, identicamente ao que se procede no primeiro tempo de descançar arma.

E' tambem uma solução. A commissão, sem errar, optou por outra.

71. «A primeira fileira não atira com a arma apoiada e sim com o cotovelo esquerdo sobre o joelho ou a coxa.»

O tiro de infantaria pode ser feito com a arma apoiada, ou a braços livres. No tiro a braços livres, a arma é mantida somente pela tensão muscular dos braços; no tiro com arma apoiada, o fuzil é mantido sobre uma base, ou com o auxilio de um apoio, que pode ser applicado directamente sob a arma, ou indirectamente, no cotovelo, na mão esquerda, etc.

E' o caso presente, em que o cotovello esquerdo se apoia no joelho do mesmo lado, afim de facilitar o tiro.

E' verdade que o R. T. I. dá essa posição como sendo a do *atirador de joelho*; julgamos, porém, acertado ter o R. I. chamado a attenção para este detalhe, uma vez que é frequente ver-se atirar sem o apoio do cotovelo — que implica o apoio da arma.

Demais, o n. 165 diz que — é fundamental para a instrução que se attenda mais ao espirito, que á letra do regulamento.

### 72 e 219. Cessar fogo!

«A voz Cessar fogo! os homens cessam imediatamente o fogo, os que estiverem com as armas em pontaria, retiram-nas, e todos carregam as armas (72). E, mais adiante, no n. 219, á mesma voz — interrompem-se, imediatamente, o fogo e todos os movimentos de carregar...»

E' flagrante o choque entre estes dois numeros.»

Não se trata, como julga a critica, de disposições que se choquem e contradigam, e, sim, de prescrições intencionalmente assim redigidas, para attender a factos diversos.

Haviamos proposto á commissão que fossem iguaes as prescrições nos dois casos, o do numero 72 e o do 219, quanto aos movimentos de cessar-fogo. A maioria optou, porém, pelo que está no Regulamento, argumentando do seguinte modo: no n. 72, trata-se do fogo em ordem unida, — como vem claramente dito no n. 70 — só empregado contra a cavallaria, ou contra inimigo em retirada.

Contra a cavallaria, que tem na velocidade um factor poderoso de exito, é preciso agir pelo fogo, o mais rapidamente possível. Para isso se estabelece desde o começo uma alça cuja trajectória mantenha, durante todo o tempo, o cavalleiro dentro da zona perigosa. As alças de 700 m. a 900 m., cujas ordenadas maximas vão de 1,33 a 2,85, são, por isso, as preferiveis. Não ha tempo para commandar mudanças de alças.

Tambem não se muda de alvo, sinão quando o inimigo que se mantinha sob o fogo foi desbaratado ou retirou do alcance das armas. Neste caso, é preciso primeiramente — cessar-fogo — para indicar depois á tropa o novo alvo, com a certeza de ser entendido. Tudo isso tem que ser feito rapidamente, porque a cavallaria não está á nossa espera.

A maioria da commissão pareceu que o soldado carregando logo a arma á voz de *cessar-fogo*, economisaria tempo e ficaria mais cedo preparado para atirar contra um novo objectivo, embora esse movimento, feito logo em seguida a uma situação tão critica, afastasse momentaneamente a attenção dos homens, de seu commandante, retardando a comprehensão das novas ordens.

Ponderando este inconveniente, foi que preferimos o que prescreve o n. 219 para ambos os casos.

Quando se trata do fogo de perseguição, ou quando a voz de *cessar-fogo* for definitiva, ha, sem duvida, vantagem, em que se carreguem logo as armas.

O caso do n. 219 é, porém, muito diferente. Trata-se da interrupção do fogo numa linha de atiradores, isto é, durante o combate da infantaria. Os homens, aque se indicou na abertura do fogo, o alvo a bater acham-se entretidos na lucta. O ruido complexo que reina na linha de fogo dificulta ouvir as vozes de commando do chefe do pelotão. Por isso, o n. 219 prescreve que a voz de *cessar-fogo!* seja repetida pelos commandantes de esquadras e, se não for bastante, até por todos os homens. Uma vez entendida, cessam todos os movimentos, e a attenção volta-se inteira para o chefe.

A voz de *cessar-fogo* poderá ser provocada por uma causa que os homens em geral desconhecerão e de que só virão a ter conhecimento pelas novas indicações do commandante do fogo. Será, ás vezes, porque o inimigo desapareceu sem ser presentido pelos atiradores; outras, para permitir ao commandante do pelotão observar melhor os pontos de queda dos projectis, afim de corrigir a alça, etc.

Em qualquer caso é preciso que o movimento cesse imediatamente, que todos voltem a attenção para o chefe e aguardem suas ordens. Já se perdeu muito tempo na comprehensão da ordem, por isso o carregamento se fará depois.

Não ha, portanto, nem erro, nem choque de disposições.

(Continua).

E. L. C.

## LIMPEZA E CONSERVAÇÃO

do Fuzil e da Clavina Mauser

MODELO 1908

Por aviso do Ministerio da Guerra n. 429 de Março corrente, foi mandado adoptar oficialmente no Exercito o apparelho de limpeza em uso nas fabricas de armas portateis de guerra, na Alemanha, modificado por mim e pelo tenente Duarte Pinto, quando em serviço de fiscalisação e recebimento de fusis, em Berlim e Oberndorfam Neckar.

Dirigi, aqui no Rio, a construcção de um exemplar, na «Fundição Americana», a pedido do distinto major fiscal do 52º Batalhão de Caçadores, que teve conhecimento do referido apparelho, por intermedio do relatorio que, com o tenente Pinto, apresentei em Fevereiro de 1914, ao Exmo. Sr. general José Carlos Pinto Junior, então chefe da Comissão do Ministerio da Guerra na Europa. A fundição sahiu-se admirável

velmente bem, não só na execução fiel dos desenhos, como apresentou trabalho mais barato que em Berlim.

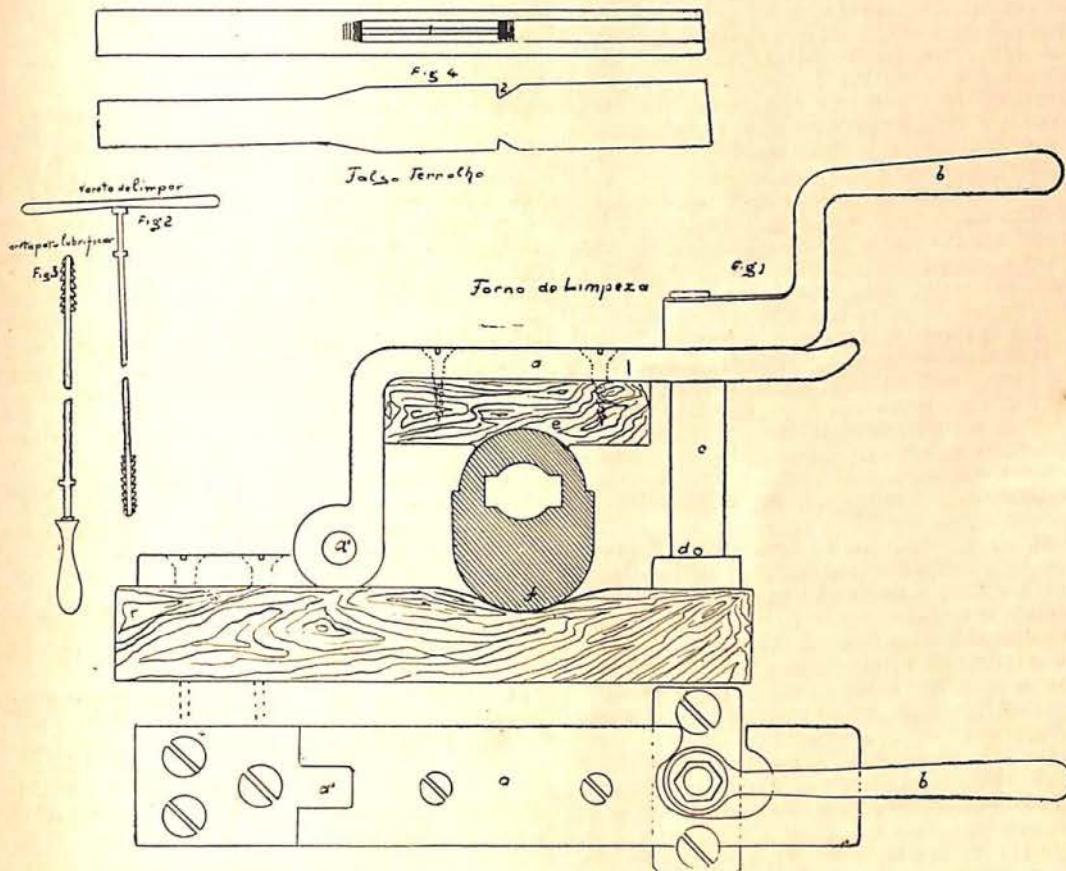
O apparelo é muito simples. Consta essencialmente de um torno para fixação da arma, duas varetas de aço e um falso-ferrolho de madeira.

O Torno fig. (1), tem por fim horisontalizar e fixar bem a arma submettida á limpeza, sem que provenha, por effeito do aperto moderado que ella soffre, qualquer damno para suas partes. Elle é constituído por uma peça de aço — a — articulada em — a —, a qual pode ser retida ou desprendida com auxilio da alavanca — b —, que se manobra, de modo a apertar ou desapertar a peça — a —, segundo se queira firmar ou retirar a arma.

A haste — c —, tambem de aço, dotada de

As varetas fig. (2 e 3) tem por fim, auxiliar a limpeza e a lubrificação.

São de aço especial, torneadas, tendo na extremidade opposta ao punho uma ponteira de 8 cm. de bronze macio, preparada para receber a buxa ou mecha de canhamo, estopa fina ou panno velho. O punho é tambem de aço, ligado á haste por um roolamento de espheras, o que assegura o movimento de rotação á vareta, sem que d'elle participe. Para limitar o curso da vareta existe a 10 cm. do punho uma arruella de aço ou bronze, que no movimento de vai-vem encosta na parte posterior do falso-ferrolho, sem prejudical-o, e simultaneamente impede que ella exceda a bocca do cano, deixando a buxa ou mecha sahir toda, o que traria o grave inconveniente do seu contacto com as raias, nesse ponto.



rosca na extremidade superior, articula-se em — d — para dar facil saída ou entrada da peça — a —, e recebe a alavanca — b —. Internamente, a peça — a — na parte que fica em contacto directo com a arma, tem um coxim de madeira — e — recoberto, de feltro ou couro macio, afim de evitar arranhaduras ou outro qualquer estrago, motivado pelo aperto.

Não só a peça — a — como a haste — c —, são ambas parafusadas em um pequeno pedaço de madeira, de forma quadrangular ou rectangular, para melhor disposição do apparelo, representando o espaço entre as duas peças — a — e — c —, papel importante, pois, contem o berço — f — onde se collocava a arma.

O falso-ferrolho fig. (4) é destinado, especialmente, a evitar que a vareta toque na caixa da culatra e partes adjacentes.

E' feito de um só pedaço de madeira tendo lateralmente ranhuras (1) que dão livre passagem ao ejector e um entalhe (2) onde se adapta o retém do ferrolho, garantindo assim a sua estabilidade no alojamento. E' vasado longitudinalmente, tendo o mesmo diâmetro da alma do cano. Ajusta-se perfeitamente ao alojamento do ferrolho real, condição esta primordial, para desempenhar sua alta função.

O manejo do apparelo é facil e não requer, sinão um pouco de attenção e cuidado.

A arma, antes de ser submettida á limpeza

ou á lubrificação, será examinada afim de se certificar si se trata de executar a operação em todas as suas partes ou si será feito parcialmente.

No 1º caso, é pratico retirar logo o fundo do deposito e o transportador, e no 2º caso, far-se-á o mesmo ou não, conforme se queira, operar nessas partes ou simplesmente no cano.

Uma vez determinada a natureza do serviço e fixado o torno a uma mesa ou bancada, coloca-se a arma no berço — f —, de maneira que fique perfeitamente adaptada, encostando o guarda-matto na parte posterior da base de madeira, onde é montado o torno. Feito isso, leva-se a peça — a — deixando repousar exactamente na parte anterior da culatra, por cima das armas da Republica; move-se com a alavanca — b — apertando-se, porém, sem forçal-a. O operador, experimentando resistencia quando a alavanca tocar a peça — a — não deve proseguir mais, sinão forçá-la demasiadamente essa parte e, no minimo, arrebentaria o coxim — e — se não trouxesse outros inconvenientes para a arma. O aperto como está indicado é suficiente para firmar-a solidamente.

Em seguida, substitue-se o ferrolho real pelo falso. Assim, está o fuzil ou a clavina preparada para soffrer a limpeza no cano e demais partes e consequente lubrificação.

Toma-se, então, a vareta fig. 2 e se enrola na ponteira de bronze, cobrindo-a completamente, um pouco de canhamo, estopa fina ou panno velho, tudo bem limpo; se existe ferrugem a buxa deve ser maior para entrar forçada no interior do cano; se não ha ferrugem, ella deve penetrar quasi forçada, isto é, sentindo-se uma pequena resistencia.

Se se trata só da lubrificação, serve a vareta fig. 3. A buxa ou mecha, será introduzida justa.

Se a operação é geral, limpeza e lubrificação em todos os orgãos da arma, depois, de ter terminado a do cano, se retira o falso ferrolho e se procede para as outras partes, conforme as prescrições regulamentares, levando-se em linha de conta, que só é permitido usar madeira, estopa ou panno, escovas e oleo fino, «Balistol» por exemplo. Lixa, pó de tijolo, pedaços de ferro para polir deve ser rigorosamente prohibido.

Em qualquer caso, limpeza ou lubrificação do cano, imprime-se á vareta um movimento suave de vai-vem, o quanto fôr preciso para levar a bom termo a operação.

\*\*

Para se tirar partido da arma deve-se, antes de tudo, saber que o rendimento de que ella é capaz depende intimamente dos cuidados que lhe forem proporcionados.

A esse destino obedecem as regras de limpeza e conservação, tendentes a manter no armamento as qualidades de que é dotado.

A conservação do fusil ou clavina Mauser, ou melhor ainda, do armamento portatil, é de uma importancia capital; por isso mesmo merece por parte dos officiaes attenção e cuidados extraordinarios.

O armamento deve estar sempre ao abrigo do pó e da humidade, em lugar bem arejado, afastado tanto quanto possivel do mar, de encostas de serra e de pantanos.

Deve soffrer um exame periodico; se está em lugar secco e guardado em armarios com vidraças, lubrificado abundantemente com «Balistol» é suficiente uma revista por semestre; mas se está

em lugar humido ou proximidades do mar, etc., conservado com o mesmo ingrediente acima mencionado, a revista deve ser mensal ou quando muito bi-mensal.

Após qualquer exercicio de fogo, manobras, ou simplesmente manejo d'arma, deverá ser limpo e lubrificado, observando-se em todos os casos o que está estabelecido nos regulamentos e instruções para tal fim confeccionados.

Nunca se deve deixar permanecer sobre as partes da arma a camada de vaselina com que vem da fabrica, maximé, se são guardadas em caixões.

A vaselina éposta sómente para a travessia do mar. Ao chegar ao destino deve ser imediatamente retirada, limpa bem a arma e lubrificada com «Bal stol». Aquella substancia não se conserva por muito tempo, e a prova é que já se tem encontrado camadas de ferrugem em muitas armas, nas partes com ella untadas.

E' penoso, realmente, para um grande deposito manter um trabalho de conservação perfeito, mas é necessario, imprescindivel e inadiável fazel-o, custe o que custar.

A conservação do stock de guerra é, alem de um dever de profissão, um acto de elevado patriotismo.

Com armas enferrujadas e mal cuidadas só pôde ser contraria ao Exercito a sorte de uma campanha. Ao passo que, tomadas na devida consideração essas precauções, tem-se a certeza que o armamento é impecavel e resistirá galhardamente, podendo exigir-se delle tudo quanto fôr praticamente possivel e dentro dos limites da technica.

23-IV-15.

*L. Mariano de Andrade.*

N. da R. — A proposito, damos a palavra ás «Instruções regulamentares para o serviço de conservação do material guardado nos armazens, depositos, parques e em serviço na tropa — approvadas em 6-8-1909» que dizem nas paginas 31 a 34 :

«E' dever de patriotismo, de honra profissional, principalmente dos militares, olharem com incessante cuidado para esse serviço de guarda e conservação do material,..., tanto para salvar sérias responsabilidades de ordem profissional, ou moraes e materiais de carácter pessoal, como também por amor aos superiores interesses da nação...»

Será um desapontamento quando em uma hora dada se estiver contando com esse material que está guardado nos depositos, mas que fôr elle encontrado completamente perdido, cheio de bichos, corroido pela ferrugem, estragado totalmente ou na maioria de suas partes, como já aconteceu com o material de artilharia de campanha Krupp 7,5 C/28 tiro lento, que ficou guardado nos grandes galpões que a extinta Intendencia da Guerra fez construir na Praia Vermelha em certo tempo, e onde o metteu desde que desembarcou da Europa até o dia em que o Governo mandou abater os referidos galpões para, no local, fazer-se a exposição nacional de 1908. Esse material, quando recolhido ao Arsenal de Guerra e ahi examinado rigorosamente, foi encontrado em um estado de sujeira que só indicava não ter sido nunca mais visitado, desde que fôra recolhido aos referidos galpões,...

E' um perigo temeroso abandonar, largar de vez, a conservação de um material, como se fez

com esse de 7,5 C/28, porque sobre o muito que se perde em dinheiro, muito provavel é vir elle a faltar justamente na occasião em que mais se precise recorrer a elle...

Conseguintemente, com relação ao material depositado, a coberto ou ao ar livre, só uma regra ha a seguir e a observar e essa vem a ser visital-o, examinal-o e renovar-lhe as applicações de lubrificantes, graxas, oleos, etc., sem esquecer um só momento mais outros cuidados de conservação, o maior numero de vezes, isso em periodos os mais curtos que fôr possivel estabelecer. *M. L. M. S. M. S.*

## IMPRESSÕES DO CONCURSO HIPICO

O artigo sob o mesmo titulo publicado em *A Defeza Nacional* de Fevereiro p. p., provocou considerações inseridas em *A Noite* de 21 do mesmo mez ás quaes devo responder.

Ao illustre articulista que assigna aquellas considerações com o pseudonymo de Guerin, agradeço as palavras elogiosas com que a sua grande generosidade muito me honra.

Confesso sinceramente os dois defeitos que, nas entrelinhas do seu primeiro periodo, claramente percebi: a vaidade — elemento que satura o nosso ambiente — e a paixão. Sim. Sou apaixonado por tudo quanto julgo certo, bello e util!

Guerin deve, tambem, reconhecer que sou honesto e sincero quando, perfeitamente baseado, digo a verdade sobre o que pude apprehender na Alemanha. Sermeia grandemente commodo dizer exactamente o contrario; tremo, porém, de horror ante tal egoismo e baixeza.

O articulista de *A Noite* cita trechos meus, já ha tempos escriptos, e me atribue falta de convicção e volubilidade. Muito ao contrario disso, sou um espirito ainda muito acanhado para que possa, desse modo, tão extra-rapidamente evoluir. Nenhum desacordo existe entre o que, então, disse sobre a *escola Jacome* e o que agora manifesto sobre o regulamento alemão.

Nada conheço que melhor seja do que o *methodo de domar* de Jacome. A escola de equitação, porém, do illustre Mestre foi, directamente e em parte, ensinada a seus discípulos e não foi ainda publicada; uma vez dada á luz, não seria ella de certo um regulamento de equitação, pois, devendo este ser essencialmente utilitarista, não poderia comportar senão os elementos

mais uteis e indispensaveis da escola elementar.

No meu ultimo artigo fui muito claro e, de modo algum, mostrei ser inconveniente entre nós a adopção dos methodos de Jacome.

E, se Guerin de novo lêr, mas agora sem paixão, *sans élan*, o que em *A Defeza Nacional* eu disse, verá o protesto que, com vehemencia e paixão de Brasileiro, lanço contra a nossa indifferença, o nosso desprezo para tudo aquillo que de nós nasce.

Ora, essa indifferença e esse desprezo são inamoviveis, são invenciveis e, na impossibilidade de utilisal-os e, no caso de não querermos continuar a apodrecer, preciso é que recorramos ao estrangeiro.

Como se vê, não sou eu quem não quer o methodo Jacome. Batendo-me pelo regulamento alemão, dou prova de convicção e coherencia, porque bato-me por aquillo que executei, vi executar-se durante dois annos e vi, tambem, em condições desfavoraveis ser executado pelo Sr. 1º tenente (hoje capitão) Franco Ferreira no picadeiro do 1º R. de Cavallaria.

Não vae, porém, o meu entusiasmo ao ponto de só haver por bom o que é alemão: no mesmo artigo (pg. 158. Primeira solução) aconselho a adopção de um dos regulamentos — francez, alemão, italiano, portuguez, etc., e ahi justifico cabalmente o motivo de minha preferencia pelo alemão.

A adopção de qualquer desses bons regulamentos de modo algum excluiria o *methodo de domar* de Jacome (ja que não quizemos o resto), que prestaria os mais inestimaveis serviços nos depositos de remonta.

Não duvido da sinceridade do articulista e, assim, sou forçado a concluir que elle ainda não tem a infelicidade de conhecer o meio que a sua nobre alma soinente percebe atravez dum prisma côn de rosa e, ainda menos, a historia da equitação entre nós.

Esta historia, contar-lhe-ia se não fôra o pouco tempo e o pequeno espaço de que disponho. Affirmo-lhe, porém, que a mesma opposição que hoje soffre o regulamento alemão (sorte igual teria o francez se na França houvessemos servido ar- regimentados) soffre a escola Jacome e o digno Mestre no nosso meio. Convém acrescentar que alguns desses inimigos

das cousas allemãs formaram na pleiade dos inimigos de Jacome e de seu methodo ; mas — *il faut s'attacher à quel que chose...*

Guerin termina com phrases cujo destino não percebo bem: «*Innocents, vous voulez voler ; apprenez d'abord à marcher.*»

Ora, não ha innocentes na Defeza e eu, pelo menos na opinião de Guerin, não no sou tambem.

Vejamos agora quem é que, sem haver antes aprendido a caminhar, quer voar.

Aquelle que conhecem de perto o regulamento allemão nada nelle encontram que não seja de grande utilidade. Tudo aquillo que é simplesmente sportivo ou decorativo é sumariamente abolido, isto é, prohibido.

Em um exercito, a cuja organisação não preciso referir-me, onde ha um programma e cumpre-se esse programma á risca, não ha necessariamente tempo para volatas e fiorituras: o tempo que com estas seria despendido empregado no aperfeiçoamento daquillo de que o exercito precisa. No meio civil encontram-se cavallos e cavaleiros de alta escola, trabalhando, em geral, em grandes circos, os quaes nada deixam a desejar aos mais exigentes.

No meu artigo marquei bem, ja prevenido confusão, a diferença entre escola (methodo, sistema) e escola (turma, pelotão, etc.) de equitação.

Na adopção de uma escola (systema) visa-se no Brazil o *sportmen* que, aliás, bem se pode formar com qualquer sistema. Na escolha, porém, de um regulamento não se deve ter em vista o individuo, mas o conjunto.

Como vê o meu digno antagonista, eu desejo uma coisa simples, bôa, prática e elle, talvez, o bello effeito, a elegancia e o brilhantismo.

Fazer um simulacro de carga de cavallaria e a algumas dezenas de metros da infantaria adversa fazer alto, deitar os cavallos e, destes fazendo trincheira (?) utilissima a arma de fogo é, não ha duvida, sob o ponto de vista sportivo, uma bellissima sorte.

Militarmente encarada, a cousa é simplesmente pulha, ridicula e, sobretudo, criminosa !

Considerado isoladamente, o cavalleiro pode brilhar, a fazer trabalhos de grande importancia artistica. Se elle, porém, não pode em um limitado tempo e a dado numero de homens de aptidões varias, tran-

smitir esses ensinamentos e se estes não são de uma utilidade mais ou menos imediata ao exercito — a sua escola que, então, pouco de commun tem com a escola Jacome, pode ser aceita se a quizermos empregar em conquistas muito pouco parecidas com as realizadas pela cavallaria nos gloriosos campos de combate !

Tambem, quanto á esthetica, não estou, infelizmente, de acordo com o articulista d'A Noite.

O cinematographo é, sem duvida, um bom professor com a condição, porém, de nas fitas distinguir-se o real do irreal.

Dois exemplos bastam para isso mostrar: o passo de parada prussiano, empolgante e solemne, apresenta-se na tela com um ridiculo que revolta; a mais brillante cavallaria, marchando ao passo parece, no cinematographo, ser composta de *sendeiros* marchadores, de tal modo são lá aceleradas as respectivas velocidades.

Não concebo a esthetica sem a utilidade. Assim, o verdadeiro artista pintará um sapato de soldado, dando-lhe uma forma mais ou menos larga e achatada, com solas grossas, bico largo e salto baixo. Se ao contrario disso fizer, poderá a sua obra ser um primô de technica, mas um crime contra a esthetica.

Como vê o articulista d'A Noite não somos nós quem quer voar. — *Ce sont les autres... Et il ne faut jamais s'opposer à une chose dont on ne connaît pas l'essence.*

12 — IV — 15.

*Parga Rodrigues.*  
Cap. de Artilharia

P. S. — Tive noticia de que o Sr. 1º tenente Armando Jorge apresentará um trabalho sobre equitação.

Nenhuma duvida tenho de que possa esse trabalho hombrear com os melhores estrangeiros e terei motivos para grande jubilo si elle, como regulamento, puder resolver o problema em questão. Quem sabe se é chegado o momento de comprehendermos Jacome e seus discípulos ?

P. R.

## Relatorio do Serviço Veterinario

APRESENTADO AO  
Sr. General Silva Faro, Inspector da 9º Região Militar

Em cumprimento ás disposições regulamentares em vigor, venho dar-vos conta dos serviços executados durante o anno findo, pela commissão cujo dirigir me foi

confiado pelo Sr. general de divisão Antônio Geraldo de Souza Aguiar, quando inspetor da IX Região Militar.

Com a malleinação dos animaes do Esquadrão de Trem, dos do Collegio Militar, dos da Comissão Constructora da Villa Militar, dos do Batalhão de Engenheiros e dos comprados para a remonta dos diversos corpos da Guarda, em numero de 468 malleinações, ficou terminado o expurgo do mormo das cavallariças militares da Capital Federal. Mas não devem ficar ahi os nossos cuidados se não querermos que sejam perdidos os sacrifícios e os dissabores que nos custou esta tarefa difficult: temos agora de ficar vigilantes e obdientes ás instruções prophylaticas expressas em os nossos regulamentos.

O resultado da malleinação dos animaes dos ultimos departamentos veio ainda demonstrar a efficacia da prophylaxia e dos cuidados hygienicos dispensados aos nossos animaes depois do inicio da campanha anti-mormosa.

No Esquadrão de Trem, em um total de 110 animaes (entrando cavallos particulares) só 2 foram sacrificados e estes mesmo já estavam condemnados; haviam pertencido á antiga cavalhada do 13 Reg. e nesta unidade foram considerados mormosos, pela prova da malleina, sendo transferidos para o Esquadrão por não estar elle ainda expurgado.

Na Escola Militar, em um total de 111 animaes, foram apenas encontrados 3 mormosos. Os animaes da Escola foram malleinados pelo Laboratorio Militar de Bactereologia, antes da vinda da primeira missão francesa, tendo reagido todos os animaes, pelo que foram substituidos. Desta data para cá, ficaram os animaes sujeitos a rigoroso cuidado, tendo desaparecido, quasi por completo o mal das cavallariças, como demonstra a estatística acima.

O Collegio Militar em um total de 72 animaes, teve 15 mormosos. A cavalhada era velha em sua maioria e não tinha ainda sofrido o expurgo; mas os cuidados hygienicos eram de ha muito ahi observados com todo o interesse.

No Batalhão de Engenheiros e na Comissão Constructora da Villa Militar, em um total de 56 animaes, foram encontrados 13 mormosos.

Os animaes eram quasi todos muito velhos e antigos no serviço militar.

Entre os animaes comprados para a remonta dos corpos e vindos do campo, — “não foi encontrado um só caso de mormo” — o que demonstra que o mal está ainda na cidade e que precisamos evitar que elle se irradie della para o campo.

Antes do começo do expurgo e da vigilancia estabelecida em os quartéis, e mesmo quando adquiríamos animaes estrangeiros para a remonta dos corpos, os casos de mormo eram muito mais frequentes. Perdemolos quasi todos por occasião dos expurgos.

Em o Esquadrão de Trem continuaram em observação 4 animaes, que foram para lá transferidos e que tinham no 13º Regimento e no Pelotão de Estafetas reagido francamente, e repetidas vezes á malleina, (á excepção de um que só foi malleinado uma vez) por terem deixado de reagir presentemente, embora malleinados duas vezes em o referido Esquadrão. Esses animaes passaram quasi um anno no Esquadrão, em pleno campo, e não reagindo á malleina, só a autopsia podia tirar a limpo a duvida existente; isto não praticiei, por serem elles animaes de valor optando então pela sua permanencia em observação; opinei que podem todavia trabalhar, até que com o tempo se esclareça o caso.

Estarão curados os animaes? E' possivel.

Em o trabalho dos professores Nocard e Leclainche, de perennes ensinamentos, onde elles se ocupam do tratamento do mormo, encontrei o seguinte:

“E' certo, no entretanto, que numerosos animaes se curam pela acção unica da natureza, graças ás condições hygienicas favoraveis. A conservação dos animaes ao ar livre, recommendeda pelos antigos praticos, exerce uma acção muito apreciavel. A penetração accidental do bacillo mormoso está longe de ser sempre fatal ao cavallo. Os animaes resistem, na maioria dos casos a uma primeira invasão, curam-se si são subtrahidos a infecções novas. Um methodo prophylatico efficaz e economico pôde ser baseado sobre estes dados positivos.”

A conclusão só poderá ser tirada com a observação cuidadosa e intelligentemente feita, o que espero ainda conseguir, quando pudermos trabalhar em uma enfermaria especial e melhor apparelhada, aonde pos-

samos estudar as epizootias que dizimam os nossos animaes, matando as mais fagueiras esperanças da pecuaria no nosso paiz.

O estado sanitario dos animaes do exercito nesta Capital é o mais lisongeiro possivel, conforme se pode verificar em a estatistica junto a este.

Houve ainda 7 casos de mormo em animaes do 1 R. A., tendo tido sempre o cuidado de malleinar os vizinhos dos doentes, que de ordinario não reagiam. Houve dois casos no 2 R. I., 1 no 1 R. I., 1 no 20º G. A. e 1 na 1º C. Metr.

Julgo que o apparecimento destes casos deve correr por conta:

1 da falta de policia sanitaria nos animaes do Distrito Federal;

2 dos exercicios em Santa Cruz, para onde são levados animaes doentes das cocheiras da cidade;

3 do habito de soltarem os animaes em logares por onde vagam outros não expurgados;

4 do transporte dos animaes em carros infeccionados da Central.

Contra estes inconvenientes venho de ha muito reclamando, sem que tenha podido ser attendido pelos outros departamentos da administração do paiz, ficando assim *a prophylaxia do mormo somente limitada aos animaes do exercito e esta mesma executada pela iniciativa das autoridades militares.*

No dia seguinte a uma reunião convocada pelo Dr. Pedro Toledo, quando ministro da Agricultura, para tratar da criação do cavallo de guerra no Brazil, os jornaes traziam, entre outras propostas, a seguinte:

«Decidiu-se que, como medida preventiva, para evitar a possivel propagação do mormo nos campos e estabulos a administração da Guerra providenciará para que se não faça a venda, em hasta publica, dos animaes velhos ou doentes e como taes inaptos para o serviço, sem que os mesmos sejam examinados previamente por um veterinario que os submetterá á prova da malleina.»

Esta disposição é curiosa demais.

No exercito só se vendem em hasta publica animaes depois de examinados por uma commissão de officiaes, da qual faz parte um veterinario.

É verdade que até então não estavam expurgadas todas as cavallariças militares,

mas o serviço já estava sendo feito com todo o rigôr e methodo e para sua direcção vieram profissionaes estrangeiros. Já eram sacrificados todos os animaes reconhecidamente mormosos e havia sido estabelecido um outro fatigante serviço — o de vigilancia, até hoje observado. Tambem já era prohibida a venda de animaes mormosos.

Em quanto isto era exigido ao Exercito, que se pedia á Policia, á Limpeza Publica, ao Corpo de Bombeiros, para só falar em repartições federaes?

Podiam vender os seus animaes, como fazem, sem que esta salutar exigencia chegassem até elles.

Ainda no anno passado, o Sr. general inspector, pedia á Prefeitura providencias acerca da falta de policia sanitaria contra o mormo, allegando que, estando a se concluir o expurgo das cavallariças militares, era um perigo para os nossos animaes a ausencia da fiscalisação nas outras cocheiras.

Não me parece que este pedido justo e necessario tenha sido attendido até hoje; animaes mormosos vagam pelas ruas da cidade, indo até morrer ás portas de um dos quarteis de São Christovão.

Quanto á Estrada de Ferro, o mesmo Sr. general pediu providencias e essas ainda dormem o placido sonno do limbo.

O que é facto é que existe um serviço Veterinario da Agricultura que, entre as suas obrigações, conta a da prophylaxia contra as epizootias, e até ao presente ainda não poude ser executado convenientemente o serviço de policia sanitaria dos animaes deante da multiplicidade de poderes. Isso tudo acontece porque não foi do Congresso que partiu a confecção do regulamento e sim, de uma autorisação delle ao Executivo, para criar ou estabelecer a regulamentação da materia.

Em informação que tive a honra de dar em uns papeis vindos do Congresso, que se occupavam desta materia, opinei que o mesmo Congresso legislasse sobre o assunto. O Dr. Toledo, pensou ser mais viavel a realisação das medidas pelo estabelecimento de um acordo com os Governadores dos Estados, representados aqui no Rio, por delegados seus.

Assisti á reunião e vi que tudo ficou no mesmo, apezar dos esforços empregados por alguns membros no sentido de uma solução proveitosa.

O que é real, é que nem mesmo nas Estradas de Ferro e Companhias Nacionaes de navegação, o serviço de transporte é feito com a fiscalisação do serviço de veterinaria, que aliás seria facil, si se estabelecesse que as diversas empresas só poderiam receber animaes diante de attestados passados pela Directoria de Veterinaria.

Sem polícia sanitaria dos animaes a pecuaria em o nosso paiz será sempre um sonho.

A epizootia apparecida entre os animaes do 13 R. Cav. e os do Collegio Militar, que foi o facto mais importante ocorrido durante o periodo do qual já me occupei em relatorio especial e felizmente a essa hora desapparecida, parece, na minha opinião, a resultante da falta de polícia sanitaria.

Estou convencido de que o mal foi importado de S. Paulo pelos cavallos de corrida.

Merece especial menção em esse nosso apanhado o concurso efficaz que me foi prestado pelos veterinarios que servem nas diversas unidades da Inspecção, sempre solícitos, em sua maioria, a me auxiliarem para que o serviço corra na melhor ordem, mandando a justiça salientar os nomes de Brugger e Azevedo Lima.

Como sabeis, foi inaugurado, em 17 de Julho do anno findo, em uma das dependencias do quartel do Grupo de Obuzeiros e com a presença do Exm. Sr. Presidente da Republica, e demais autoridades militares, o Curso Pratico de Veterinaria do Exercito, e que tem funcionado regularmente até hoje sem o menor onus para a nação.

Este curso que é um complemento das Instruções aprovadas pelo Sr. general ministro da Guerra, em aviso publicado em o Boletim do D. do Exercito n. 304 de Outubro de 1913, e que era uma aspiração geral, poude ter a sua inauguração e começar a funcionar regularmente, graças ao valioso concurso dos srs. generaes Aguiar, Vespasiano, Ismael da Rocha, Faustino, coroneis Benjamin de Aguiar, Arantes, Bagueira e major Leite de Castro.

Ao Exmo. Sr. marechal ex-presidente, cabe aqui exaltar o meu especial agradecimento, pois foi solícito em me ouvir e dispensar palavras de animação; tambem agradeço aos Srs. generaes Vespasiano de Albuquerque e Souza Aguiar, assim como a todos que de tão boa vontade me auxiliaram.

Começado o curso, ficou elle logo privado da cooperação inegualavel dos dois profissionaes franceses, Vantillard e Marli-

angeas, cujos bons serviços nos foram roubados pela malfadada conflagração europea. Chamados os 2 officiaes pelo seu paiz, ficava embaraçado de continuar o curso já encetado, desde que não era facil substituir, de momento, profissionaes de real merecimento.

Urgia porem não deixar perecer uma instituição, que se vinha de criar sob os aplausos geraes, e que se via ferida em pleno coração ao expandir do primeiro alento.

Tres illustres camaradas accorreram ao meu chamado: Capitão medico Dr. Antonio Alves de Cerqueira, 1 tenente veterinario Tito Fonseca e 2 tenente Oscar de Azevedo Lima, pondo ao meu dispor os seus serviços, sem prejuizo das commissões que já exerciam.

Ainda que todos nós estivessemos convencidos, de que não podíamos competir com os profissionaes franceses, resolvemos emprehender a tarefa, sob a garantia da nossa boa vontade e do nosso amor a instituição a que temos a honra de pertencer. Graças a isso não houve solução de continuidade alguma no funcionamento do Curso Pratico de Veterinaria do Exercito.

A frequencia foi regular, veterinarios, sargentos, praças e civis, compareceram ao curso, estando inscriptos para exame, 12 alumnos, não incluindo neste numero os primeiros.

O exame teria começado no inicio do mez corrente, mas a ida do regimento em que serve o Dr. Cerqueira, para Nictheroy, veio nos obrigar ao seu adiamento.

Pelo 2 tenente veterinario Alfredo Ferreira, foi iniciado, com successo, o tratamento da *esponja*, tratamento para o qual até então colligiam todos os esforços e grande é o numero de animaes curados por este profissional no 13º regimento de cavallaria.

(Continúa)

**Dr. J. M. Barreto de Aragão**  
Major-medico

## Observações sobre o Regulamento de Tiro para a Infantaria

A questão do tiro, entre nós por muito tempo descurada, iniciou-se seriamente com a publicação do magnifico R. T. I. o qual veio não só dar a verdadeira orientação a esta parte da instrução como tambem elucidar o tiro de combate, muito mal interpretado no nosso meio.

O seu aprendizado não passava do tiro de instrução, mesmo assim evitado de lacunas que só a falta de um regulamento justificava. O tiro de instrução, mesmo nas linhas de tiro, onde cuidava-se exclusivamente deste mister, não era dado convenientemente. Os seus defeitos faziam-se sentir com a falta da instrução preparatória; os atiradores iniciavam-se com a prática do tiro reduzido sem os necessários conhecimentos prévios dos elementos para essa praticagem.

A ausência até então do material indispensável para essa primeira parte era um facto, e a sua importância era tão grande que, sem elle, a instrução não podia ser ministrada convenientemente, e os conhecimentos dos atiradores, podia-se dizer, assentavam em bases falsas.

A parte mais importante, o tiro de combate, não era dada e a noção existente era por demais errónea e perigosa. A rotina, sempre a rotina, era a causa desta instrução inicial viciada e incompleta. Além disso, nos corpos de tropa a munição era carga das companhias e como tal, entendiam que só uma acção de guerra justificava o seu consumo, e não ser os tiros dados anualmente para desenravar as armas.

Com a publicação do R. T. I. tudo isto desapareceu para surgir uma orientação nova na parte mais importante da instrução do soldado.

Apezar de só agora ter sido distribuído o armamento m/908 para o qual está escrito, foi o regulamento executado adaptando-se ao m/95.

A prática de dois anos fez surgir algumas observações a respeito, e a primeira a publicar-se foi a do tenente Marcellino que nem sempre está com a razão como passo a mostrar.

As suas observações foram sómente feitas à parte geral até a da instrução individual do atirador; quanto à parte mais importante, a do tiro de combate, limitou-se a dizer que ella não deixava nada a desejar, mas que pelo critério seguido na parte criticada, iria encontrar os mesmos senões apontados na primeira parte. Essa omissão é tanto mais estranha quanto as partes criticadas têm na maioria, as suas correspondentes no tiro colectivo, com a diferença sómente de lá tratar-se de um grupo de fuzis.

As suas observações, como elle próprio diz, são no geral observações pessoais e os argumentos técnicos apresentados nem sempre justificam as suas acusações.

Para maior clareza vou usar o mesmo método com que o tenente Marcellino discutiu os números de seus artigos.

1 — De acordo, deve-se conservar a denominação *impacto*.

2 — Acho que não tem absolutamente razão, dizendo que *ponto de partida* é uma inovação e que elle é mais conhecido como *ponto visado*. Não ha inovação, e nem *ponto de partida* é o mesmo que *ponto visado*.

Estas duas denominações representam fenómenos inteiramente diferentes, e o próprio regulamento deixa isso bem claro, já na propria definição, já nos seus artigos.

Assim, o primeiro, isto é, *ponto de partida* é aquelle para o qual estava dirigida a linha de mira no momento em que partiu o tiro. O seu prolongamento da linha de mira deve ser dirigido ao alvo.

O *ponto de partida* só poderá confundir-se com o *ponto de visada* em casos particulares;

assim, a arma na estativa e o alvo fixo, dá-se a coincidência.

O *ponto de partida* na instrução do tiro representa papel importante. O art. 49 do R. T. I. diz: «Deve-se atribuir grande importância à indicação exacta do *ponto de partida*. Se o homem dá mostra de não saber exactamente a direcção para onde estava apontada a arma quando foi disparada, deve-se procurar com habilidade e paciencia arrancar-lhe a confissão de que a pontaria foi incerta.»

Sobre o *ponto de visada* o art. 50 diz: «Nos exercícios com munição de tiro reduzido ou com cartuchos de guerra ocorrem alguns erros especiais cuja causa reside principalmente no receio de não atingir o alvo. Assim, algumas vezes, logo que o atirador consegue dirigir a linha de mira para o *ponto de visada* puxa o gatilho de um só tiro com receio de perder a oportunidade de disparar... Taes casos que impossibilitam o conhecimento da direcção em que partiu o projectil, são bem observadas quando por qualquer circunstância o tiro falhou.» O art. 131 diz: «O *ponto de visada* para cada atirador deve ser o pé do alvo que lhe corresponde no conjunto do objectivo.»

«Existem porém casos especiais em que o *ponto de visada* deve ser deslocado para fora do objectivo.» «Si se atira contra objectivos deslocando-se lateralmente deve-se escolher o *ponto de visada*, attendendo à velocidade do alvo e à duração do trajecto do projectil na distância considerada.»

O art. 131 bis: «Quando se atira contra objectivos de pequena largura e se o vento sopra lateralmente deve-se deslocar o *ponto de visada*, para fora do objectivo.»

Esta diferença observa-se ainda com vantagem em toda sua grandeza pelos dispositivos especiais de materialização da linha de mira, na *sub-target*.

Pelo exposto vê-se claramente que existe diferença entre os pontos em questão.

A proposta que faz o tenente Marcellino de usar a denominação de *ponto de partida* «para designar o ponto de onde partem os tiros, principalmente em combate, quando se poderá ter necessidade de informar a linha de atiradores que os tiros estão partindo de tal ou qual ponto ou que o *ponto de partida* dos tiros está nas canavieiras da direita, por exemplo,» vem trazer confusão e tanto mais que — a indicação dos objectivos (art. 142) e tudo que se entende sobre a direcção do fogo está tratado no art. 118 com clareza admirável.

3 — A' primeira vista parece que ha razão quando o articolista diz «que o art. 2º do regulamento pela sua reacção pouco feliz parece atribuir á acção dos gases sómente o movimento de rotação do projectil», porém se lermos o referido artigo chegamos á conclusão que não subsiste a critica, porquanto o art. 2º expõe a forma da trajectória, dá as diversas causas em these, de que depende a sua forma, e tratando da força que impelle o projectil só podia referir-se á acção dos gases, pois sem ella não tomaria o projectil os movimentos de rotação e translação.

4 — Quanto ao ultimo período da pagina 3 não devia limitar-se a dizer que era uma verdade, impunha-se apresentar a corrigenda seguinte:

«O projectil se eleva acima da linha de mira a partir do momento em que encontra essa linha

logo que abandona a bocca do cano». O que está gryphado, seria acrescentado no citado periodo. (vide capitão Prata Dias, pag. 3, l. 20 e trad. Fran. art. 9).

5 e 6 — Outra parte de que discordo é quando o articulista diz que o regulamento dá a denominação do ponto de visada ao que se denomina ponto de queda.

Parece-me que não ha a confusão citada, por isso que o regulamento não trata desse ponto, e o art. 7 nos seus ultimos periodos trata somente do alcance do projectil, senão vejamos: «A distancia a que a trajectoria corta a linha de visada pela segunda vez, isto é, distancia a que coincidem o ponto de visada e o ponto de empate, chama-se alcance de alça, e o tiro de alça. Se o ponto a attingir está aquem do alcance de alça é preciso apontar abaixo desse ponto, a uma distancia igual à ordenada da trajectoria nesse ponto (vide n. 28). O ponto de empate que se quer obter deve ser escolhido no ponto mais favoravel do alvo no sentido da largura e do comprimento, em geral, no meio do alvo».

Tratando do mesmo assumpto Prata Dias diz: Alcance de alça é a distancia que vae da bocca da arma ao ponto onde se encontram pela segunda vez a trajectoria e a linha de mira e onde o ponto visado e o ponto batido tambem coincidem.

Se o ponto está mais proximo que o alcance da alça deverá apontar-se (vide n. 23) tanto abaixo do ponto que se deve bater, quanto a diferença das ordenadas das duas distancias.

Escolhe-se geralmente o centro do alvo como a parte mais propria para ponto de empate. «Segundo o ponto visado estiver no centro, na parte inferior ou superior do alvo, dir-se-á: pontaria ao centro, descobrir muito, ou pouco, o alvo.»

A traducção francesa dá: «La distance à laquelle la trajectoire et la ligne de mire se couplent pour la seconde fois, et par conséquence, où le point de mire et le point d'impacte se confondent, s'appelle la distance du coup de hausse et le point touché se nomme coup de hausse.» etc.

Do exposto conclue-se que não ha a confusão citada nos n. 5 e 6 da critica e que os artigos transcritos tratam somente do alcance e os meios de obtel-o.

7 — Concordo.

8 — Concordo ainda do articulista quando diz que o regulamento devia mencionar, alem dos elementos que tem, mais alguus para a comprehensão do phenomeno do tiro. Para justificar a minha discordancia digo que o R. com o fim do nosso, só comporta as noções theoricas indispensaveis para que os soldados comprehendam perfeitamente todas as applicações praticas do fuzil.

Esta minha affirmação está prevista no Prata Dias que diz: «Pela instrucção do tiro devem os soldados ficar conhecendo todas as applicações praticas de sua espingarda.

Não se pretendendo que elles explarem conhecimentos theoricos, procurar-se-á contudo que comprehendam os que são mais essenciaes, sendo conveniente para o ensino o material demonstrativo da trajectoria descripto nos annexos 1 e 1 a.»

9 — A' primeira vista a redacção do art. 12 denominando velocidade de empate parece uma combinação pouco feliz; porem, se compararmos com os artigos similares dos outros dois regulamentos vamos ver que ella tem a sua razão de ser.

Assim, Prata Dias diz: «A efficacia do tiro de

uma espingarda depende da penetração do projectil, da forma da trajectoria e da dispersão.»

«A penetração depende do peso, da forma, do diametro do projectil, da materia de que é composto e da velocidade ao chegar ao alvo, á parte a capacidade de resistencia.»

A T. Franceza: «Les effets du projectile, indépendamment de la capacité de resistance du but, dépendent du poids, de la forme, de la section, du metal et de la vitesse du projectile au but (vide n. 27).

10 — O R. prevê perfeitamente a influencia da configuração do terreno como factor preponderante para as condições de que depende a extensão do espaço razado. Assim o art. 14 diz: «A extensão do espaço razado depende da altura do alvo e do alcance.»

Mais adeante, logo na pagina seguinte e no mesmo artigo: «A extensão do espaço razado aumenta se o terreno é descendente e diminue se elle é ascendente.»

11 — Neste numero o articulista procura chamar a atenção para a definição de ponto de empate medio, salienta que é preciso uma prompta corrigenda, e depois de algumas considerações sobre a importancia desse ponto procura dar ao art. 15 do R. T. uma interpretação que não se justifica. Senão vejamos.

O art. 15 depois de tratar do grupamento vertical, diz: «A altura do grupamento vertical é maior que sua largura e a densidade de empates diminue do centro para as extremidades do grupamento. O ponto de grupamento vertical acima e abaixo, à direita e à esquerda do qual o numero de empates é o mesmo, chama-se — ponto de empate medio.» A largura em centimetros de uma faixa horizontal (vertical) do grupamento vertical contendo metade dos tiros chama-se praticamente — dispersão media em altura (ou largura), vide n. 24.

Ora, me parece que este artigo tratando dos elementos que dão a dispersão de uma arma, e em particular do ponto de empate medio, não obriga ao articulista a dar-lhe a representação que deu na determinação deste ponto; além disso sendo elle um ponto ideal, o artigo não precisou o modo pelo qual é elle determinado.

O que ha e que o R. T. não chamou a attenção por ser desnecessario, é que a determinação deste ponto é obtida depois de uma serie de pelo menos um milhar de tiros.

O caso apresentado é particularissimo, tanto é que se o cotejarmos com as leis geraes de dispersão vamos verificar que essas leis estão tambem erradas e que as construções graphicas tambem não correspondem ao caso por elle apresentado.

Considerando-se um grupamento de um grande numero de balas, um milhar por exemplo, produzido num alvo vertical, constata-se em primeiro logar que os impactos não são repartidos de um modo uniforme sobre toda a superficie da recepção; porém verifica-se logo depois que não são tampouco repartidos ao acaso e sem ordem.

Pelo contrario constata-se que os impactos vão agrupando-se com uma regularidade crescente ao redor de um ponto central onde elles são mais densos e que as regiões circumvizinhas recebem tanto menor numero de impactos quanto mais afastados acham-se desse ponto central chamado ponto medio.

«Augmentando-se a distancia do alvo aug-

menta-se tambem proporcionalmente as dimensões do grupamento e as respectivas distancias dos impactos ao *ponto medio*.»

Traçando-se no alvo dois eixos um horizontal e outro vertical passando pelo *ponto medio* constata-se:

1º Que o grupamento tem uma forma *elliptica* (oval) bem definida, cujo eixo vertical está em relação ao eixo horizontal na proporção de 4 para 3 mais ou menos; o *ponto medio* marca o centro da ellipse.

2º Que o grupamento é symetrico em relação ao *ponto medio* e que de cada lado dos eixos horizontal e vertical existe o mesmo numero de impactos á direita e esquerda, por cima e por baixo.

3º Que a densidade do grupamento vai diminuindo em todos os sentidos, progressivamente, do ponto medio para as extremidades.»

4º Que traçando de cada lado dos eixos horizontal e vertical que passam pelo *ponto medio*, duas linhas horizontaes e verticais, dividindo em duas partes iguaes o numero de impactos por cima e por baixo, á direita e á esquerda, de modo que cada faixa contenha 25º dos impactos, verifica-se que a superficie das faixas assim determinadas de cada lado do *ponto medio* é identica para as que são do mesmo sentido, e que sua somma, em altura ou largura é igual á quarta parte da altura (ou largura) total do grupamento e contem metade dos impactos.» (R. T. F. P. S. P.)

Ora, o que acabei de transcrever não é mais do que diz resumida e intelligentemente o R. T. no seu art. 15.

Se applicarmos as leis acima ao caso apresentado pelo articulista chegamos á seguinte conclusão:

a) que o grupamento não tem a forma elliptica ou oval, e que o seu *ponto medio* não marca o centro da ellipse;

b) que o grupamento não é symetrico em relação ao *ponto medio* e que acima e abaixo, á direita e á esquerda não existe o mesmo numero de impactos;

c) que a densidade citada tambem em relação ao *ponto medio* não é observada;

d) finalmente, a faixa em centimetros horizontal (vertical) a qual é a quarta parte da altura (largura) do grupamento total, não contem a metade dos impactos.

De modo que, pela construcção graphica, as leis geraes da dispersão estão em desacordo com o caso apresentado.

Porém se reflectirmos um pouco, vemos que toda esta discordancia foi tão somente originada por ter o articulista tomado um caso particular para discutir um caso geral, caso aliás irrealisavel na pratica por isso que para a determinação do ponto medio é necessario que se dê pelo menos um milhar de tiros.

Do exposto conclue-se que devemos deixar sem corrigenda o art. 15 do R. T. I.

13 — De acordo.

(Continua)

Newton Cavalcanti.

2º Tenente

## O ARRANCHAMENTO NA CASERNA

Avesso ás exhibições, não tenho outra intenção senão aproveitar-me das minhas parcas horas de descanso para trazer aqui as observações colhidas no tirocinio da caserna, durante 17 annos de consecutivo serviço de quartel-mestre e de intendente.

Estando o nosso exercito em phase de remodelação, com efeitos já proveitosos nos diversos misteres de sua alta função, entendi expandir aqui uma lembrança que, se for aceita, parece, muito beneficiará não só os interesses da fazenda publica, como trará a conveniencia de melhorar um serviço que até hoje permanece no seu sistema primitivo, continuando a ser enfadonho e anti-militar.

Refiro-me ao antiquado systema de arranchamento, obrigado até hoje a umas tantas exigencias, só admissiveis n'uma sala de *restaurant* publico, onde se exigem o banquete e as etiquetas de um meio todo civil !

Porque não se adoptar entre nós esse serviço como se practica nos grandes exercitos?

Porque não se acabar com esse enor-missimo numero de mesas em uma sala, onde diariamente comparecem, por quatro vezes, os nossos soldados, formados e com-mandados como se fossem sustentar a de-fesa de uma trincheira !?

Não seria mais expedito que as refeições das praças arranchadas fossem pagas, já preparadas, ao cabo commandante de cada esquadra, o qual as distribuisse em conjunto, onde e como melhor approuvesse aos seus commandados, attento o seu nu-mero tão resumido ?

Com esse serviço assim feito evitariam os que dezenas de soldados se transformassem em copeiros e lavadores de pratos, de talheres, mesas e de outros utensilios, desviados conforme se acham presentemente da missão nobre a que se propuzeram da defesa da Patria. (\*)

Com o systema actual, tão deprimente para o soldado, que se vê humilhado, desempenhando função que o seu caracter repelle, porque se quizesse ser copeiro ou lavador de pratos não teria necessidade

(\*) N. da R. — E muitas vezes injustiçados com os formidaveis descontos de *louça quebrada*, usuaes em certos corpos.

de assentar praça; com esse sistema em que só pela severidade disciplinar se consegue muitas vezes que a praça a elle dê desempenho cabal, muito tem a perder a corporação onde elle se pratica, pelo afastamento de elevado numero de praças, da escola, das linhas de tiro e dos demais exercícios de que tanto necessitam para o seu aperfeiçoamento moral, intelectual e technico.

Demais, é conhecido o pesadíssimo custeio de um refeitorio, com centenas de pratos, talheres, copos, etc., de um restaurant; entretanto, essa despesa, com a adopção da idéa que expendi, desapareceria porque cada praça já possue, fornecida pela Nação, sua marmita completa que satisfaz plenamente a todo o serviço de qualquer refeição.

Nos acampamentos tem-se observado o quanto agrada aos nossos soldados poderem constituir-se em grupos para, em conjunto, na mais expressiva camaradagem, servirem-se de suas refeições, muito embora a sua distribuição tenha sido feita a cada praça separadamente.

A Marinha Nacional, nesse ponto, tem o seu serviço irreprehensivelmente organizado pelo contracto com civis, não só para o serviço de cosinha e copa do rancho dos officiaes, como para o serviço de copa e rancho das praças de *prét*.

E, como complemento desse melhoramento dever-se-ia cogitar de afastar as praças do penoso serviço de cosinha, fazendo-se contracto com civis para esse fim, correndo a despesa d'ahi decorrente, relativamente pequena, á conta das economias do Conselho Administrativo respectivo, já bastante alliviado das pesadas despesas com a aquisição de utensílios para mesa, etc. etc.

Assim pensando, aqui fica a lembrança do

Capitão *Adolpho Luiz de Carvalho*.

Intendente do 1º Reg. de Inf.

pletadas essas providencias de acordo com o que escrevemos no n. 8, desta revista, pagina 250.

São medidas que se impõem e que poderão ser adoptadas desde já, desde que se tome o verdadeiro ponto de vista do exercito actual.

Antigamente o individuo verificava praça para ter um meio de vida e sua função nas fileiras era montar guarda, fazer patrulhas, formar em dias mais ou menos festivos, fazer promptidão logo que houvesse prenúncios de greve em qualquer fabrica ou que um artigo mais forte apparecesse nos jornaes da oposição e fazer alguns exercícios de... manejo d'armas.

Lá permanecia até que lhe fosse vantajoso ter baixa, ou obter reforma.

Os exercícios na tropa faziam-se sem methodo.

Caminhamos, porém, para a permanencia de individuos nas fileiras apenas o tempo estritamente necessário á sua instrucção, (\*) que lhe é ministrada gradualmente como em qualquer escola.

A incorporação já se faz em epochas fixas e com o serviço regional não se perderá tempo na organisação dos contingentes, viagens, quarentenas, etc.

O soldado permanecendo preso mais de seis mezes, privado de frequentar a instrucção, atraça-se de mais de uma léva. Sua permanencia nas fileiras torna-se perturbadora dessa instrucção e dará despezas sem vantagens.

Só os delinquentes terão longa reclusão. Nada mais justo, pois, que entregalos á guarda dos orgãos que possue a sociedade para reclusão dos que offendem aos seus principios de ordem, quer seja por crimes civis quer militares.

Nos quartéis ficarão sómente os chamados presos correccionaes que, podendo frequentar os exercícios, não serão peso morto na tropa.

Repetimos as vantagens dessas providencias:

1º — Melhor preparo da tropa pela diminuição do serviço diario, pois os presos de correção não demandam sentinelas durante a noite e durante o dia estão no serviço; os da cellula tambem, desde que sejam elas sufficientemente fortes, não

(\*) N. da R. — O autor tem muito bôa vontade: na tropa ainda não se percebeu esse caminhar, pois, em matéria de engajamento continua *tudo como d'antes*. Não se engaja quem não quer.

## DIVERSAS OBSERVAÇÕES PEQUENAS

### I

Caberia aqui congratularmo-nos com o Exercito pelas providencias tomadas pelo Sr. Ministro da Guerra em relação ao policiamento das praças, se não nos guardassemos para fazel-o quando forem com-

precisam sentinelas, pois sua fuga só lhes peiorando a situação, não será commum.

2º — Economia das etapas e fardamentos para os referidos réos.

3º — Evitar-se que os soldados propensos ao crime tenham conhecimento dos processos empregados pelos criminosos para a sua prática e a da fuga.

4º — Diminuição da criminalidade pelo maior rigor da pena com a reclusão entre estranhos. (\*)

## II

A propósito do que foi escrito no n.º 17 sobre a Guarda Nacional, não será descabido darmos alguns casos do nosso conhecimento, pelos quaes se aferirá o valor dessa milícia.

O numero de individuos em condições, ou não, que aceitam as nomeações para officiaes já escasseia, mas, as nomeações só se fazendo por língadas completas quando estão indicados os individuos para todos os postos, resolve-se a questão indicando para postos mais elevados os officiaes dos corpos já existentes e encaixando nos restantes num só, os que se quer premiar pelos serviços, como alguns outros só para completar a lista, exonerados préviamente de tirarem a patente.

As vagas que por essa forma ficam, não são preenchidas, mas, uma nova brigada surgiu e os nomeados ficam conhecidos como capitães, maiores, etc. sem os onus da patente.

A nomeação de sacerdotes para officiaes é causa muito commum e tive como um dos maiores auxiliares na organização das sociedades de tiro em Minas, um conego, major de cavalaria.

Ha cousa mais clamorosa que isso. São as nomeações de cirurgiões, commumente recalhadas em leigos.

Em Juiz de Fóra conhecemos um funcionário municipal e dois da Estrada de Ferro Central cirurgiões da Guarda Nacional.

(\*) N. da R. — N'esta questão da criminalidade sobreleva-se em importância a deserção. Além de hyperpovoarem os xadrezes e de roubarem um tempo precioso a grande numero de officiaes em longos processos tardos cujo resultado é sempre previsto, 99% dos desertores, depois de capturados e cumprida a pena são pessimos soldados. Era preciso tornar o respectivo processo muito mais simples, estabelecer uma espécie de tabella das penas conforme as circunstâncias do crime, sumariamente verificadas, e cumprida a pena, expulsar o delinquente.

Nas ultimas fornadas foi nomeado cirurgião um advogado residente em Campos.

Um funcionário dos Correios daquella cidade foi nomeado capitão de um batalhão e tenente de outro, da mesma brigada.

Na nossa estreita esphera de relações conhecemos esses casos; quantos haverá por ahi? ! (\*)

## III

Para o mesmo editorial que ilustramos com os casos acima temos outros referentes aos tempos consignados nas tabellas para duração dos objectos.

Quando eramos primeiro sargento de um dos corpos desta guarnição foi pedido exame para varios artigos cujo tempo de duração se completaria, entre os quaes estavam os equipamentos de nossa companhia.

Eram 104, se me não engano, dos quaes não poucos nunca haviam servido, mas o tempo de duração estava completo, e a relação para consumo foi feita pelo pedido!

E lá se foram equipamentos completamente novos!

No mesmo consumo foi descarregada a carroça do batalhão, cujo estado era tal, que um novo commandante, vindo meses depois, mandou inclui-la em carga.

Não sei se passado o tempo de duração da segunda carroça, pedida em substituição á consumida, a primeira serviu para o exame.

O material de acampamento fôra já, ao chegarmos ao batalhão, dado em consumo por ter elle estado acampado alguns meses!

As commissões de exame, entre nós raramente descem a examinar os objectos.

Julgam seus presidentes ser isso uma desconsideração á autoridade que pediu o exame.

A economia que se faria procedendo criteriosamente nesses exames seria bastante para a manutenção de mais alguns milhares de homens.

(\*) N. da R. — O autor parece desconhecer um projecto de valorisação da Guarda Nacional que foi publicado ha dias com retratos e programmas. No dizer de Tasso Fragoso vai ser galvanizado esse cadáver com uma escola que se propõe a ministrar um curso das tres armas á officialidade da G. N...

## IV

Illustração para varias cousas, á vontade:

*Tenente* — Porque você não vai á sua companhia e procura baixar ao hospital?

Tratava-se de um soldado que havia cravado um espinho de larangeira no pé, no serviço de abrir picada.

*Soldado H.* — Eu já fui ao doutor, mas pedi mesmo a elle para não baixar, porque me faltam só 2 mezes e 16 dias para ter baixa e eu não tenho nada ainda e não quero sahir sem levar um cobrinho.

*Soldado M.* — Com dois annos nesta vida não se arranja nada. Eu tenho oito annos de praça e não ajuntei quasi nada.

Porque você não se engaja?

Lá fóra as cousas estão ruins! Não se arranja nada! Na nossa terra então!

Rio — Fevereiro de 1915.

*João Marcellino*

1º Tenente

## O TIRO DE ARTILHARIA e a cooperação dos aeroplanos

(Conclusão)

Não sendo possível expôr aqui detalhadamente todas as medidas, propostas, ensaios, etc. que se fizeram durante as experiencias, limitar-nos-emos a um relatorio mais ou menos compendiado das partes principaes indispensaveis para illustrar o assumpto e que poderão talvez servir de base ou ponto de partida para a continuação das experiencias.

Em nossos ensaios com o aeroplano tratava-se de atirar sobre uma bateria coberta a 3.500 ou 4.000 m. da nossa, também coberta, e logo mudar de objectivo para effectuar o tiro curvo contra uma infantaria entrincheirada, que se havia refugiado em seus abrigos a cerca de 3.500 metros.

Com o proposito de que a situação e a extensão dos objectivos fossem conhecidas pelo piloto sómente pelo reconhecimento que elle havia de effectuar, não se o levou a conhecê-los antes do exercicio; identicamente se procedeu com o official que havia de commandar o tiro.

Tinha-se em vista dar aos ensaios um viso de realidade, tanto quanto possível, e

não «preparar as coisas para que tudo corresse bem»; não queríamos enganar-nos nós mesmo.

Era preciso convencionar préviamente os signaes que permittissem manter a ligação entre a bateria e o aeroplano; depois de trocadas as diversas opiniões ficou assentado o seguinte:

1º O aeroplano, terminado o reconhecimento, para a observação do tiro, mover-se-ia na linha de tiro: tomaria essa direcção a partir da retaguarda da bateria e, uma vez ahi, indicava ao commandante da bateria que o tiro podia começar.

2º *Tiro longo* — bandeira vermelha; muito longo (mais de 200 m.) — agitar a bandeira.

3º *Tiro curto* — bandeira branca; muito curto (mais de 200 m.) — agitar-a.

4º Tiro á direita — o aeroplano deslocava-se á sua direita e fazia com o seu motor *d e* (— . . .) pelo alphabeto Morse.

5º Tiro á esquerda — analogamente e *i z.* (\*) Muito á direita ou muito á esquerda precedia-se a indicação do motor da correspondente á letra *m*.

*Estabelecer a direcção da peça-base ou secção-base, isto é, com que se iniciará a regulação.* O aeroplano move-se na direcção bateria-objectivo; um official collocado atraç da peça base visa o aeroplano por um fio a prumo, e fixa um ponto qualquer do terreno na direcção d'essa visada, e em seguida aponta o canhão sobre esse ponto (com a deriva 3.200); as outras peças por pontaria reciproca sobre esta estabelecem o parallelismo dos planos de tiro.

No primeiro ensaio foram atirados 55 projectis contra a citada bateria; a observação do aeroplano era transmittida ao commandante do grupo, que tambem observava por sua conta, como o commandante da bateria; este, porém, não levava em consideração as comunicações aereas.

Queria-se n'esta prova verificar, si ou até onde na realidade se harmonizavam as observações aereas com as terrestres; a partir do 10º tiro se reconhecia já, claramente, que aquellas eram melhores, pois suas comunicações coincidiam em geral com as transmittidas telephonicamente pelo official que estava como observador proximo ao objectivo.

A' vista d'este primeiro resultado que visivelmente enchia de alegria até os conscriptos telephonistas, fez-se todo o pes-

(\*) N. da R. : — *derecha, izquierda.*

soal abrigar-se e começou o tiro contra a infantaria já mencionada, cuja trincheira era vista só pelos aviadores.

Desde este momento o tiro foi dirigido só pelo aeroplano, isto é, só baseado em suas observações.

Antes de começar o tiro curvo chamou-se o aeroplano pelo signal convencionado (duas bandeiras agitadas na bateria) e preveniu-se-o de que não devia vôar em altura < 450 m. e nem avançar mais do que 500 m. á frente da bateria, indicação baseada no calculo da flecha da trajectoria do obuz em tiro curvo.

Com o auxilio sómente da tabella acharam-se os seguintes valores:

173 m. flecha da trajectoria de 4.000 m. a 500 m. da bocca da peça, carga maxima.

312 m. flecha idem, idem para o tiro curvo, carga n. 3.

Vê-se, pois, que entre a maior flecha e a menor altura de vôo indicada ao aeroplano havia uma tolerancia ou folga de segurança de 138 m.; a pratica nos revelou que é necessário ser ainda mais cauteloso, pois quando estávamos em pleno tiro o aeroplano soffreu uma descida brusca, que melhor se poderia chamar queda, de cerca de 200 m. e logo continuou tranquillamente seu vôo.

Parece que a causa d'essa descida brusca fundava-se no seguinte: o dia, que até uns 20 minutos antes permanecera nublado, illuminou-se de repente com um sol bem forte; deante da bateria e muito perto d'ella havia um milharal de 300 por 2.000 metros, mais ou menos, e logo adiante o terreno estava coberto de pasto baixo e secco; o calor solar aquecia mais rapidamente as camadas inferiores da atmosphera sobre este campo do que sobre o milharal, porque n'este o rocio favorecido pela frescura que conservam as plantas altas e verdes demora mais em evaporar-se, de maneira que a atmosphera apresenta grande diferença de densidade acima de um ou outro terreno. O aeroplano voando a 450 m. acima do milharal penetrou de chofre em um meio menos denso ao chegar acima do campo de pasto secco e então soffreu a mencionada descida brusca.

Consultados os aviadores, fôram de opinião que o phenomeno meteorologico descripto pôde ter produzido tal queda. Demais, segundo depois informou o piloto, é frequente durante os primeiros momentos que se succedem ao apparecimento de

um sol forte, a atmosphera apresentar grande heterogeneidade em suas camadas superiores e se produzirem assim verdadeiros sorvedouros pela rarefacção do ar.

Este simples detalhe nos revela de forma clarissima quão longe ainda está a aviação para que os roteiros aereos apresentem a mesma segurança que os terrestres ou marítimos.

Em terra vêem-se os precipícios, no mar apercebem-se os redemoinhos, mas no ar, apesar de existirem ambos a um tempo, nada se vê, tudo é igual...

Louvor aos martyres que caem lutando pela conquista do espaço!

O exercito que tantas vezes ocupou seu posto na vanguarda das instituições as mais progressistas que déram lustre e gloria ao nome argentino, foi tambem um dos primeiros que pagaram seu doloroso e caro tributo á aviação na America do Sul!...

O aeroplano, como ficou dito, devia mover-se na linha de tiro.

1º porque, sinão, é quasi impossivel o aviador determinar a situação lateral dos arrebentamentos em relação ao alvo.

Com efeito um tiro curto que esteja bem na direcção ou um pouco á direita, visto do aeroplano dá a impressão de ter sido á esquerda, ou em pleno alvo se o aeroplano estiver á direita da linha de tiro; para o mesmo observador, um tiro longo pareceria á direita, quando na realidade sua direcção tivesse passado á esquerda.

2º quanto ao alcance o observador tambem não poderá dizer se um arrebentamento foi longo ou curto porque não o percebe na mesma linha do alvo, não vê projectar-se um sobre o outro. Exceptua-se o caso de grandes erros de alcance e o de forte vento lateral que move rapidamente a nuvem de fumo em tal sentido que passe pela frente do alvo.

De maneira que os dois elementos essenciaes do tiro, a distancia e a direcção, aconselham que o aeroplano vôle na direcção da linha média de tiro da bateria. Demais quanto mais bem tomada fôr essa direcção tanto melhor será a orientação da peça-base, pois todo erro commettido na bateria ao fixar a direcção inicial, aumenta consideravelmente no alvo...

Como o aeroplano se sitúa, em geral, correspondendo ao centro da bateria de onde melhor será observado o conjunto

da bateria, convém que a peça-base seja uma das centraes, a 3<sup>o</sup> ou a 4<sup>o</sup>; (\*) assim se consegue levar desde o inicio o centro do nosso feixe de trajectorias sobre o centro do alvo.

Depois da regulação, o que tambem mais convém á observação é que o aeroplano se move na linha centro da bateria — centro do alvo.

**Altura do voo** — A altura em que deve voar o aeroplano representa um papel importante do ponto de vista da facilidade para a observação. Entendamo-nos: dizendo "observação" não se quer significar sómente a facilidade de ver o objectivo e seus arredores, mas tambem a de poder referir a elle e a pontos salientes do terreno a situação dos arrebentamentos.

A medida que o aeroplano se eleva os relevos do terreno tornam-se cada vez menos perceptiveis ao aviador; quando o sol está baixo e as encostas são muito ingremes podem estas ainda ser distinguidas pela diferença de illuminação de um lado e outro da crista, mas com este recurso não se pôde contar em geral, porque nos dias nublados, ou chuvosos, ou em  $\frac{4}{5}$  partes dos dias de sol forte, desde que o aeroplano alcance a altura de 400 metros não é possivel distinguir as elevações das baixadas...

Esta impossibilidade de distinguir os relevos do terreno tem capital importancia para a comprehensão dos dados que do aeroplano serão transmittidos á bateria com a qual elle coopera.

Com effeito, uma das prescrições regulamentares é que, quando o objectivo ainda não haja aparecido, as baterias em vigilancia determinem seus elementos de tiro em relação a pontos notaveis do terreno...

Quer dizer então, que, se os elementos de tiro forem determinados em relação a uma altura, como sucede geralmente, ella será a origem a que deverão ser referidos os objectivos quando aparecerem; isso será impossivel para o aeroplano que, não podendo distinguir os relevos, não poderá a elles referir a situação dos objectivos.

(\*) N. da R. — As baterias argentinas são de 6 peças. Mais uma razão para tratarmos das columnas ligeiras de munição, uma por grupo de artilharia. Só com o remuniciamento assegurado é que uma bateria de 4 pôde pela maior rapidez de fogo chegar a equivaler a uma de 6. Além disso, artilharia de campanha sem c. l. m. é como infantaria cuja munição se reduza á das cartucheiras.

E' porém indispensavel que o aeroplano e a bateria tenham a mesma origem para suas referencias, afim de que se entendam. Essa origem não pôde deixar de ser o proprio objectivo quando aparecer e enquanto isso não succeda a bateria terá que orientar seu feixe de trajectorias como o aeroplano lh'o indicar, salvo o caso de existirem objectos naturaes faceis de encontrar e perfeitamente visiveis para o aeroplano e para a bateria.

**Tiro de tempo** — Dissemos já, que a observação do aeroplano foi muito efficaz, muito melhor do que a que faziamos do carro-observatorio; mas ahi tratava-se do tiro de percussão (sh. ou gr.); infelizmente no tiro de tempo as observações do aviador déram resultados confusos e incertos. Sem deixar de crer que com uma pratica continuada, feita com mais elementos, etc., poderá chegar-se a effectuar a observação do tiro de tempo com a mesma efficiencia do de percussão, passaremos a indicar as difficuldades principaes que impedem o aviador de referir com segurança, em alcance e em altura, a situação dos arrebentamentos que se produzem no ar, isto é, quando o projectil explode a tempo.

Um tiro de tempo curto e alto produz ao aviador a impressão de que foi percutente e longo; a mesma impressão produz um tiro de tempo longo e baixo.

Um tiro muito curto e muito alto parece que arrebenta em pleno alvo.

Si, para observar as alturas de arrebentamento convém que o aeroplano esteja o mais possivel perto do sólo, para determinar o alcance convém que esteja o mais elevado possivel. Vê-se, assim, duas condições antagonicas para constatar factos que devem ser apreciados de forma global e simultanea.

Abrigamos a esperança de que estes inconvenientes serão vencidos pela pratica, pois nos nossos exercicios mesmo, á medida que a vista do aviador começava a familiarisar-se com o tiro de tempo, as observações transmittidas á bateria foram rapidamente melhorando em exactidão, segundo concluiamos das observações do oficial junto ao objectivo. O aviador tratava de apanhar a sombra da nuvem de fumo, ou a queda dos balins, assinalada pelas ligeiras nuvens de terra que levantavam.

Naturalmente que si fosse possivel sempre fazer isso o problema estaria meio resolvido; mas é preciso lembrar que em

dias nublados ou quando o sol estiver baixo, ou sobre terrenos cobertos de pasto verde ou de arbustos, ou humidos, não haverá que pensar na sombra da nuvem ou da leve poeira levantada pelos balins.

Acreditamos que a unica coisa que dará resultados positivos é desde logo uma pratica larga e racionalmente intensiva, que dê golpe de vista ao aviador, não só para observar o arrebentamento no momento de produzir-se, mas tambem e muito especialmente, para determinar n'esse mesmo momento sua posição em relação ao objectivo ou ao ponto escolhido para a referencia, sem esperar que a nuvem se tenha ampliado, o que pôde dar lugar a falsas apreciações, sobretudo quando o vento sopra com certa violencia na direcção da linha de tiro.

**Perigo da artilharia inimiga para o aeroplano.** — Um dos pontos interessantes que d'entre outros muitos chamou particularmente a nossa attenção foi a possibilidade do tiro da artilharia inimiga (o objectivo) contra o nosso aeroplano.

Tratámos de determinar approximadamente, valendo-nos da tabella de tiro, as condições de altura e distancia em que devia manobrar o apparelho afim de não ser facilmente derrubado por algumas salvas ou grupos de tiros da artilharia adversaria.

Supondo que o material do inimigo fosse o nosso 7<sup>cm</sup> 5 L 30 de 1909, isto é, *nossa canhão de tiro rapido actual*, o nosso aeroplano podia mover-se atraz de nossa bateria sem o menor temor de ser atingido pelos canhões inimigos; simplesmente porque o material em questão, com o maximo angulo de elevação que se lhe pôde dar não alcança á distancia e altura em que se achava o aeroplano: os projectis passariam por baixo.

Si o material inimigo fosse porem o obuz de 10<sup>cm</sup> 5 então haveria verdadeiro perigo para o aeroplano. Naturalmente se exclue o caso de um apparelho voando a 5 ou 6000 m. de distancia e á altura de 900 ou 1000 m., pois em tal situação é quasi impossivel observar o tiro, e outrotanto pôde dizer-se se o aeroplano se approxima demasiadamente do objectivo, porque então se expôria aos fuzis, que o bateriam por descargas, segundo prescreve o R. T. I.

Poderíamos ter accrescentado alguns dados sobre o caso do material de obuzes de 15<sup>cm</sup> adquiridos recentemente no

Krupp, (\*) mas não está autorizada a publicação official das caracteristicas d'esse material; em todo o caso accrescentaremos que este é o material do paiz que mais amplamente permite aproveitar a posição coberta e que com mais efficacia é capaz de atirar contra os objectivos occultos e os aereos.

E' nossa convicção que o tiro contra aeroplanos e em geral contra objectivos aereos ha de ter applicação crescente e cada vez mais necessaria na guerra e como o canhão de campanha actual não só revelou-se absolutamente impotente para essa especie de tiro, mas tambem por sua trajectoria tensa deixa enormes angulos mortos diante da crista atraz da qual se oculta e a bateria evita por isso aproveitar com toda a amplitude as grandes vantagens da posição coberta, que constitue hoje para a artilharia a ultima palavra nos modernos processos de combate; por estas duas razões fundamentaes, á parte outras menos importantes mas igualmente dignas de consideração, é que se nota em toda a Europa uma grande corrente a favor das boccas de fogo de trajectoria mais curva, isto é, para os obuzes, que só elles podem remediar os inconvenientes mencionados.

(\*) N. da R. — Nós tambem já temos artilharia pesada de campanha... no papel.

## A fortificação de campanha na França

Pelo major alemão Oberlindober

(Continuação)

No combate indeciso

O combate para ganhar tempo determina por sua natureza uma conducta essencialmente outra que a do combate que quer a decisão.

Tratando-se de deter o inimigo até um certo momento, missão muito frequente para as vanguardas, as retaguardas ou as flancoguardas de grandes columnas, é preciso oppôr uma resistencia energica até esse momento bem como prolongal-a por uma retirada successiva, de posição em posição.

A tactica compete a escolha habil das diversas posicões convenientes, á fortificação de campanha incumbe organisal-as da maneira mais consentanea com o objectivo tactico, executando

todos os trabalhos que facilitem uma resistencia tenaz.

Em casos semelhantes os franceses preparam diversas «posições successivas de resistencia», como diz a *Instruction pratique*. Em regra distinguem-se tres a quatro linhas: *linha avançada*, *linha principal*, *linha de acolhimento* e *posição de retirada*, e, ás vezes, ainda, quando se apresenta um accidente favoravel e se deva offerecer uma resistencia especialmente energica, um *reducto*. Essa disposição é inspirada nos principios da defesa de fortalezas — o mais accentuado exemplo do combate contemporisante.

A *Instruction sur la guerre de siège* distingue fóra da «zona principal de defesa» as «posições exteriores» e as «posições avançadas», e atraz d'ella uma «posição de apoio» e uma serie de posições successivas até ao perimetro da cidade, onde ainda deve ter lugar renhido combate de casas.

Na guerra de campanha a disposição das tropas das diversas posições tem lugar em diversas linhas, mas não são desde logo ocupadas todas as posições successivas. Procede-se mais ou menos da seguinte forma: cerca de um terço das forças disponíveis ocupam a posição principal da defesa e destaca pequenos grupos para a linha avançada ou para as posições avançadas isoladas; um sexto a um terço fica na posição de acolhimento, enquanto o resto fica como reserva principal (tropa de manobra), em regra, atraz da posição principal.

A evacuação das diversas posições tem lugar de acordo com o objectivo do combate, isto é, conforme a intensidade e a duração da resistencia a offerecer.

Assim, por exemplo, bastará ás vezes para a guarnição da linha avançada ter obrigado o inimigo a desenvolver-se, ao passo que em outros casos cada uma das posições precisará ser defendida até ao extremo.

Ao evacuar as posições da frente as guarnições retiram de modo a deixar livre o campo de tiro das posições posteriores e ocupam a posição de acolhimento ou de retirada.

A reserva principal é empregada em contra-ataques quando o inimigo avança imprudentemente ou, caso isso não se dê, na ocupação de posições ulteriores. Mesmo n'esses combates de contemporiscação as reservas parciaes como a principal devem aproveitar toda oportunidade para contra-ataques ou retornos offensivos.

Quanto á organização das diversas posições applica-se ás posições avançadas e á linha principal de defesa o mesmo que se disse para a fortificação nos combates decisivos, com a diferença de que, em geral, não haverá tanto tempo disponível para o trabalho, nem tantos recursos.

Os trabalhos de fortificação terão pois o carácter de uma execução mais apressada.

Para a organização das posições de acolhimento e de retirada influe principalmente a sua missão tactica.

Diz o Regulamento de manobras da infantaria: «A suspensão do combate absolutamente não implica a idéa de derrota ou de retirada.

Ella é antes, muitas vezes, uma finta que se destina a facilitar ás tropas a reconquista da liberdade de movimentos». Assim as fortificações das posições posteriores deve permitir ao defensor uma nova resistencia tenaz e ás vezes o ganho de tempo necessário para proceder ao

contra-ataque em outro ponto do campo de batalha. Os trabalhos serão pois executados sob os mesmos pontos de vista estabelecidos para a fortificação das posições principaes de defesa, e tambem devem ser executados todos os necessarios a facilitar a retirada de uma posição á outra.

A organização de um reducto consistirá, em geral, na preparação de uma localidade especialmente apropriada, uma elevação conveniente etc. como obra fechada independente.

A execução de todos os trabalhos de fortificação compete ás tropas que hão de guarnecer essas posições, e á reserva principal a organização das posições que só mais tarde hão de ser ocupadas.

Os trabalhos para a preparação da retirada competem em primeira linha ás tropas de engenharia, auxiliadas, em caso de grande desenvolvimento, pela infantaria.

Quanto ao emprego da artilharia deprehende-se dos exemplos praticos de diversos autores que pouco se empregam as baterias fixas: a artilharia fica em posição de espera, mascarada, prompta para agir em qualquer direcção seja na posição onde se acha, seja mudando rapidamente de posição.

Tratando-se das posições de acolhimento convém accentuar uma particularidade francesa, as posições de contra escarpa, muito recomendadas, entre outros, por Normand e Montdésir. Pensam seus partidários que taes posições são especialmente vantajosas nos combates indecisos, pois que subtrahidas ao reconhecimento e á efficacia da artilharia inimiga, como se acham por assim dizer, têm a seu favor o factor da surpresa. É indispensavel que se tenha até á crista cobridora um campo de tiro de 300 a 400 m., pelo menos. Então será possivel causar perdas gravíssimas ao inimigo cobrindo-o de violentas rajadas de fogo quando elle transpuzer a crista, na precipitação e desordem da perseguição. A maxima vantagem obter-se-ia empregando taes posições em combinação com os contra-ataques.

O coronel Henry pensa, porém, que o esclarecimento aéreo desvaloriza taes posições, porque lhes tira a vantagem da surpresa.

Illustremos essa doutrina em um exemplo pratico (carta de Metz, geral).

\*\*

**Situação.** Um exercito vermelho esteve empenhado em combates infelizes ao norte de Verdun na primeira decade de Junho, e acha-se em retirada sobre o Mosel, linha Metz-Ars-Novéant. Graças a marchas nocturnas o exercito conseguiu afastar-se do inimigo a um dia de marcha.

Na tarde de 14 os grossos dos corpos de exercito depois de penosas marchas attingiam Metz, Ars, Ancy e Novéant, retaguardas em Ste. Marie aux Chênes, Jouaville, Doncourt e Mars la Tour.

No corpo da ala norte (direita) houve graves interrupções na passagem das columnas e trens por Metz (cidade aberta) e seus subúrbios, e no da ala esquerda (sul) tambem houve grandes atrasos por haver a cheia subita arrancado algumas pontes. Como em consequencia disso a retirada do exercito sofreria um atraso de um dia inteiro, o commando superior ordenou que as retaguardas recebessem instruções de se prepararem para uma defesa energica adiante dos desfiladeiros e assim protegerem a passagem do

exercito no Mosel. Em caso de necessidade o grosso prestaria auxilio.

O commando do corpo de exercito da direita (1.) deu á sua retaguarda (7., 3., 6., 1.) (\*) a missão de cobrir a passagem do corpo pelo Mosel tomando posição adeante de St. Privat e resistir tenazmente a 14 e 15 aos ataques inimigos. A companhia de engenharia da reserva foi posta á disposição da retaguarda em Marengo.

Quando o commandante da retaguarda recebeu essa ordem o corpo da retaguarda atravessava Ste. Marie: o 2º R. I. tinha já passado quasi todo, o 1º R. A. approximava-se da aldeia, seguido pelo 1º R. I. A cauda da retaguarda (1º Caç., 1º/1º B. Eng. e 1/4 1º/1º R. C.) marchava na altura de Auboné. O 1º R. C. (3 3 4 esq.) achava-se ainda ao N. do Orne, em Briey; estava em contacto com algumas patrulhas de cavallaria inimiga.

Segundo as communicações existentes não se deveria contar com a chegada de infantaria inimiga no Orne, antes da manhã de 15.

O commandante da retaguarda seguia, com o seu estado maior, entre o corpo e a cauda, cerca de 1 km. ao S. E. de Auboné. Ao meio dia as tropas haviam tido um grande alto ao N. do Orne e foram alimentadas pelas viaturas-cosinhas. Do corpo do exercito vizinho sabia-se que sua retaguarda alcançaria Jouaville ás 2ºº p. m.

O commandante manda primeiramente sua força fazer alto, reflecte sobre a maneira de desempenhar a missão dada á retaguarda e, examinando o terreno pela carta, chega á seguinte solução: Resistencia energica nas seguintes posições successivas, a reconhecer ainda detalhadamente e a fortificar:

1. *Tropas avançadas*: 1º R. C., fica ao N. do Orne, na região de Briey, com a ordem de retardar o mais possível o avanço do inimigo sobre esse rio. Forçado a retirar, seguirá por Moyeuvre para o flanco direito da retaguarda.

2. *Linha avançada ou postos avançados de combate*: 1º Caç., por ora com 1/2 1º 1º B. Eng., com a missão de destruir as pontes do Orne, -- a da estrada de ferro, sómente preparada para isso — entre Honrécourt e Moineville e retardar as tentativas de passagem do inimigo entre esses pontos (inclusive).

3. *Linha principal de defesa*. O 1º R. I., com a missão de resistir tenazmente em posição fortificada nas alturas ao N., NO., e O., de Ste. Marie aux Chênes. Forçado a retirar manter-se-á ao S. da estrada real Ste. Marie-St. Privat.

4. *Linha de acolhimento*: o 2º R. I. prepara uma posição fortificada, para dois batalhões, nas alturas ao N. e O. de St. Privat e

5. *uma posição de retirada* para um batalhão com a missão de facilitar aos outros o se desencilharem.

6. A 1/2 restante da 1º/1º B. Eng. e a 1º C. Eng. da reserva organisam a orla occidental das pedreiras de Amanvilliers como *reducto* com a missão de offerecer a maxima resistencia ao inimigo na entrada da estrada real no desfiladeiro.

O 1º R. A. recebe ordem de reconhecer posições de onde possa apoiar o 1º R. I. na defesa da linha principal e fortificar-se. Secções ou peças isoladas serão empregadas, mediante requisição do 1º R. I., para bater os intervallos dos

grupos de fortificações. Igualmente devem ser reconhecidas posições apropriadas atraç da linha de acolhimento e da posição de retirada, bem como as condições para as correspondentes mudanças de posição. N'essas posições a artilharia terá por missão facilitar a retirada da infantaria amiga e deter a perseguição pela infantaria inimiga.

O 2º R. I., terminados os trabalhos que lhe foram atribuidos deixaria dois batalhões promps atraç da linha de acolhimento e um na orla leste de Ste. Marie, onde ficarão á disposição do commandante da retaguarda como *tropa de manobra*.

As duas companhias de engenharia, executados os trabalhos referidos, teriam que abrir caminhos de columnas e picadas nas mattas que ficam atraç da posição de acolhimento e da de retirada em direcção ás grandes estradas, afim de facilitar a retirada ás guarnições.

Assentada essa resolução o commandante põe as unidades em marcha para os lugares correspondentes, providas das ordens necessarias, e depois percorre a cavallo as posições, a começar pela linha principal, afim de fiscalizar e examinar as providencias dos commandantes locaes.

Vejamos em traços geraes os trabalhos de fortificação e o plano do primeiro guarneccimento (croquis).

(Continua)

## A GUARDA NACIONAL E o Regulamento de Continencias

Em nosso numero 17 mostramos, com valiosos dados estatisticos, o lastimavel estado a que chegou a milicia territorial brasileira, hoje completamente desorganisada. O seu quadro de officiaes, a que ella se resume, tem sido ampliado desmedidamente, com directa infracção das leis e sem outra preocupação que a de explorar a vaidade de pessoas simples ou remunerar serviços eleitoraes de espertalhões.

O Regulamento de Continencias que o Grande Estado Maior acaba de publicar, vem pôr novamente em fóco essa questão melindrosa, da subordinação hierarchica dos officiaes do Exercito e da Armada, porque estabelece em seu art. 5, c, que têm direito á continencia, "quando estiverem fardados", os officiaes reformados e honorarios do Exercito e da Armada, os officiaes da Guarda Nacional e os das corporações militarmente organizadas, federaes e estaduaes, em que o accesso dos postos seja gradual e sucessivo, os officiaes de qualquer corporação mobilisada para serviços de guerra e os officiaes das marinhas e exercitos estrangeiros.

Por outro lado, o Regulamento prescreve logo em seus primeiros artigos que todo militar deve dar a seus superiores signaes de respeito, que se manifestam pela attitude e pela continencia. O art. 2º diz ainda que a continencia «além de ser uma prova de subordinação, é tambem uma saudação indicativa da confiança mutua que deve existir entre todos os membros das classes armadas.»

(\*) 7 batalhões, 3 esquadrões, 6 baterias e 1 bateria de artilharia pesada.

Posta a nū, como fizemos, a situação presente da Guarda Nacional, composta de 9.362 corpos, com 229.876 officiaes, recrutados em todos os meios, afigura-se-nos simplesmente ridículo serem os officiaes do Exercito e da Armada obrigados a *dar signaes de respeito a esses seus superiores!*

Que *subordinação militar* pôde haver entre o commandante de um esquadrão de cavallaria do Exercito e o capitão *turco* dono do armário na esquina do quartel? Que *confiança mutua* pôde existir entre um major chefe do estado maior de uma divisão e o *coronel* da G. N. que exerce a *licita profissão de bicheiro*? Não é possível abrangle os todos sob o nome genérico de *membros das classes armadas*, e é absurdo falar em *saudação indicativa da confiança mutua* e em *signaes de respeito*, entre officiaes do Exercito e Armada e tais pessoas, sem provocar entre aquelles o desrezo da farda e o desamor da profissão.

E' possível, pois, que os poderes publicos ignorem que as patentes da G. N. são procuradas, principalmente, pelo desejo de *não ir para o xadrez* em caso de prisão por crimes communs?

E não se nos diga, essas considerações não se baseam nos factos. E' sabido, porque a imprensa desta Capital largamente o noticiou, que um portuguez, quitandeiro em Villa Izabel, autor de um duplo assassinato, declarou ao ser preso — *ser alferes da G. N.* e, em vez de ir para a prisão commum, foi recolhido à prisão de officiaes da Brigada Policial, e, amanhã, estará talvez no Estado Maior de algum corpo de linha, em promiscuidade com os officiaes do Exercito. Esse exemplo não constitue exceção, antes é a regra.

Não serão poucas as dificuldades que ainda surgirão entre as classes armadas e os officiaes da G. N., pois só raramente os militares cumprirão o art. 5 do Reg. de Continências e quando o fizerem, será mais pelas relações pessoais com o homenageado, de que pelo seu posto.

E quanto mais consciencia de suas responsabilidades, mais espirito militar, mais valor profissional tiver o official, mais lhe repugnará andar distribuindo signaes de respeito, provas de subordinação e de confiança mutua, por essa multidão agalhada de individuos sem espirito militar e sem o mínimo valor profissional, considerados seus superiores hierárquicos ao preço fixo das patentes.

Se, nas grandes cidades, onde os officiaes do Exercito andam quasi sempre à *paisana*, só raramente se oferece occasião para reclamações de continências, que, além do mais, lançaria fatalmente no ridículo o miliciano reclamante, o mesmo já não se dá nas pequenas cidades do interior, onde a vaidosa prosapia dos *coroneis* pôde levar os maiores desatinos.

Haja vista o que se passou em Pernambuco,

no fim do anno passado, entre um capitão da G. N. e um aspirante do Exercito.

Imitando o que tinha o Exercito de mais imprestável, mas que lhe convinha à exhibição de suas fardas, resolveu a G. N. escalar serviço de *superior de dia à praça, officiaes de ronda*, etc., entravando a acção da polícia e com ella entrando em luta em suas exclusivas funções, como se estivesse fóra do regimen policial e não dependesse do fóro civil.

Essas medidas de exhibição de uma força ridícula e inexistente, accarretaram e accarretam ainda hoje a violencia contra cidadãos pacatos, obrigando-os a um serviço illegal, com prejuizo de seus legítimos interesses.

Esse abuso deu lugar, entre outros, a um incidente que passamos a narrar succinctamente, uma vez que provocou da parte do inspector da V Região Militar um officio hoje divulgado at. a vez de um fasciculo, publicado pelo secretario do commando superior da G. N. de Pernambuco.

Um negociante da estação de *Encruzilhada*, no Recife, alferes da G. N., fôra escalado para o serviço de ronda, ao qual faltou, allegando *ser dia de feira* na povoação, quando seu estabelecimento mais negocio fazia e, por isso, não poder afastar-se delle nesse dia, sob pena de ter prejuizos que ninguem lhe indemnisiaria. Demais, declarava, o serviço era illegal, porque a G. N. não estava mobilizada.

Escalado dias depois para outro serviço tornou a eximir-se ao cumprimento da ordem; foi então commissionado um *capitão* para prendê-lo. O alferes negociante recebeu-o mal, não se sujeitou à prisão, fazendo retirar-se de sua casa o portador da ordem.

Este, ao chegar à estação, encontra-se com um aspirante do Exercito, fardado, que sabia irmão do negociante e que lhe não faz a continencia. Interpella-o, d'ahi nasce uma discussão — por ter, (conforme diz o *capitão da briosa*) o aspirante chamado-o de *catunga fardado*, ao que lhe responde o official da G. N. — «que elle era um militar indisciplinado e que os seus galões (delle official) gosavam das mesmas regalias e honras que têm o Exercito e a Armada.» Esse illustre capitão de milicia «foi, de 1911 para cá, continuo em uma repartição do Estado, tendo vindo de ser aprendiz de sapateiro. Hoje é guarda da Detenção», e nas horas vagas *superior hierárquico dos officiaes do Exercito e Armada*.

Estes factos, levados ao conhecimento do Inspector da Região, provocaram de sua parte uma resposta de onde extrahimos os justos conceitos que seguem.

«A Guarda Nacional não é força permanente como o Exercito e a Armada, e segundo o art.

165 da lei n. 1860 de 4 de Janeiro de 1908, *não faz parte do Exercito permanente*.

Quando reclamados os seus serviços, isto é, desde que seja mobilisada pelo Governo Federal autorizado pelo Congresso, porque só a este é dada esta faculdade, conforme preceitúa o capítulo IV, n. 20 da Constituição, que diz: «Attribuições do Congresso»: *mobilisar a Guarda Nacional, ou milícia cívica, nos casos previstos pela mesma Constituição*, então sim, será considerada como o Exercito, verdadeira sentinela avançada da defesa dos interesses da Nação.

A manutenção da ordem nos Estados é feita pela Policia Civil, Estadoal e Municipal, cabendo ás forças do Exercito a garantia dos direitos e actos da União escapando, assim, á Guarda Nacional, por completo, competencia para policiar ou dar serviço em tempo normal; e tanto é verdade, que o Accordão do Supremo Tribunal Federal de 24 de Janeiro de 1906, diz: os guardas nacionaes não são funcionários da União.

Quanto á parte referente a conflictos e crimes, os officiaes da Guarda Nacional respondem como qualquer civil, não podendo ser considerados militares, como apregoam.

Diferente, pois, é o papel que lhe querem dar, e assim vemos diariamente publicado nos jornaes: «superior do dia, oficial de ronda, escala de serviços» e, finalmente, interferencia de officiaes no policiamento do Estado, querendo obrigar cidadãos pacatos e que vivem no labor quotidiano de seus trabalhos, a darem serviço ilegalmente, sem razão de ser.

Igual função queria a Sociedade de Tiro arrogar-se, o que depois de minha permanencia nesta Região fiz cessar por completo.

Só desoccupados, como o da reclamação que me enviastes, é que se deixam levar pelo exhibicionismo de pretender prender um official que é negociante e tem affazeres, pelo simples facto de não comparecer ao serviço escalado, a meu ver sem razão de ser, e a que presentemente não é obrigado; além dos proventos que aufére, entrando sem pagar nos bailes publicos e cinemas, provocando conflictos nos *pastoris* e *fandangos*, quando faz de policia.

E' querer desvirtuar o fim nobre e importantissimo de tão proveitosa instituição, para o que peço vossa preciosa attenção.

No incidente entre o aspirante a official X. e F., nada existe de desacato ou indisciplina ás leis, regulamentos e instruções do Exercito, segundo o meu modo de pensar.

Entretanto, se alguma cousa houve de infração ás leis de policia, escapa por completo o conhecimento, a esta inspecção, de factos puramente do dominio e alçada officiaes, devendo o

reclamante entender-se, ou se lhe convier, pedir providencias ao poder competente do Estado — o Chefe de Segurança Pública.» *Leitão*

## CAÇADAS E PESCARIAS...

A epigraphe um tanto suggestiva destas linhas talvez conduzisse o leitor a pensar em exercícios de nova especie, si os serviços telegraphicos de diversos jornaes não houvessem já lançado aos quatro ventos que isso não passou de um habil recurso do commandante da guarnição de S. Gabriel, Rio Grande do Sul, para evitar que a fome levasse a soldadesca a commetter desatinos.

E tanto valeu esse expediente, que em quanto o 16º Grupo de Artilharia, em Porto Alegre, cobrava de armas na mão os muitos mezes de soldo atrasado, em S. Gabriel não bolia uma palha!

Pelo caminho que as cousas tomam e mesmo contra a vontade — sejamos justos — da actual administração da Guerra, o exemplo ha de fructificar por força das circumstancias.

Cortados impiedosamente os vencimentos que nos garantiam modesta subsistencia, não nos limitamos hoje a reduzir cousas reputadas superfluas mas nos privamos de bôa parte do indispensavel á manutenção da vida.

A pequena economia que o individuo de todas as classes ajuizadamente deve ter, o classico *pé de meia*, e que os deveres da representação jamais permittiram aos officiaes arregimentados, este anno hão de apparecer fartos e numerosos, sob a fórmula de *consignação* a bancos e agiotas.

E quando tudo isso fôr coroado por trez ou quatro mezes de vencimentos atrasados, oxalá nos permittam a troca dos exercícios regulamentares pelas excursões venatorias em terras de caça pouco arisca, cheias de aguas serenas e piscosas.

Nos campos batidos de Santa Cruz, onde o faro mais apurado não consegue levantar siquer uma codorna, quantos não terão então inveja á gente de S. Gabriel?

## CONCURSO DE APONTADORES

Provocados na imprensa diaria desta Capital a uma discussão profissional, fizemos no n. 18 desta revista a refutação cabal dos argumentos que se nos oppunham.

Reeditada a provocação e desta vez preenchida a falta de argumentos por insultos pessoais, fomos em seguida obrigados a guardar silêncio em virtude de recomendações superiores, ás quais nos submettemos por digna obediencia ao dever militar.

Capitão *Lima e Silva*  
1º Tenente *B. Klinger*

## Serviço de sapa em campanha para todas as armas

### III

#### Transposição de cursos d'água (Conclusão)

##### Passagem de pontes e conducta na transposição

162. Na marcha através das pontes de guerra é preciso obedecer a todas as ordens dadas pelos officiaes do serviço da ponte. Si for necessário parar a columna sobre a ponte, o commandante da ponte commandará: Alto! Todos devem parar imediatamente. Em casos urgentes qualquer oficial do serviço da ponte tem o direito de dar esse commando.

Durante a passagem deve reinar calma e ordem. Devem ser evitadas as interrupções do movimento sobre a ponte bem como do escoamento

Balsa improvisada. Contem 1 v. peça e 4 cavalos

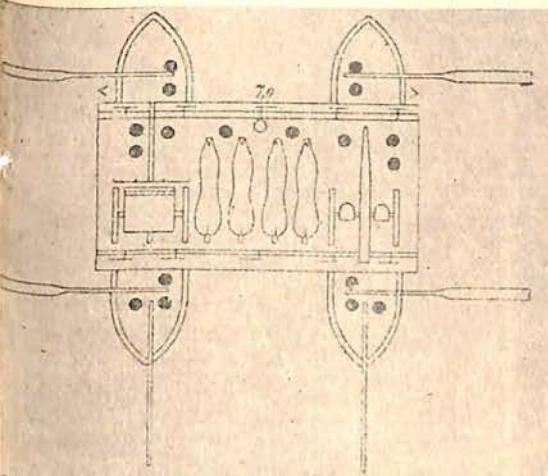


FIG. 87

na outra margem, d'onde resultaria amontoarem-se as fracções posteriores.

Sómente ao pessoal do serviço da ponte é permitido atravessá-la em sentido oposto, durante a passagem da tropa. É preciso que as tropas tenham tomado a formação para a passagem da ponte, ao mais tardar a 100 x da entrada

da ponte (1), e não é lícito mudarem essa formação antes de 100 x adeante da saída. A entrada da ponte deve estar inteiramente desimpedida.

163. A *infantaria* transpõe as *pontes de columnas* (99) em columna de marcha, ao passo ordinario, sem cadencia. Os officiaes montados apeiam; os cavalos de sella, seguem ao batalhão dois a dois, na forma regulamentar para a cavalaria.

A *cavalaria* passa por fila, os cavalos no meio, os dois cavaleiros nos lados externos. As esquadras seguem cerradas. Cada esquadrão que

Instalação de um cavallete de ponte mediante viga inclinada. (Vide fig. 56)



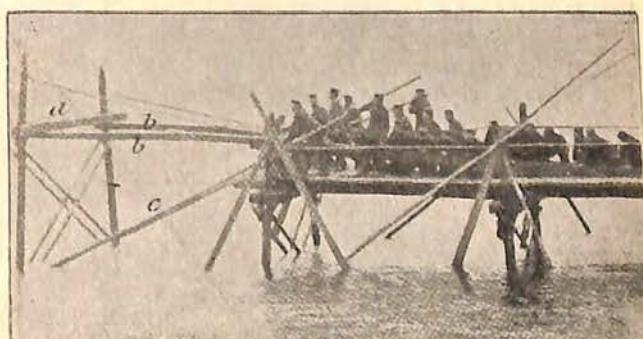
a) cavallete ; b) viga inclinada ; c) varas-guias

FIG. 88 — Vide n. 124

passou, ao montar novamente segue ao passo para que não se inquietem os cavalos que estão passando a ponte. Os cavalos de mão seguem ao regimento.

A *artilharia*, as *metralhadoras* e as *viaturas* do serviço de *comunicações* passam em columna singela, conductores a cavalo seguindo pelo meio da ponte. Os officiaes e os chefes de via-

Instalação de um cavallete de ponte mediante alavancas. (Vide fig. 57)



a) cavallete ; b) alavanca ; c) varas-guias

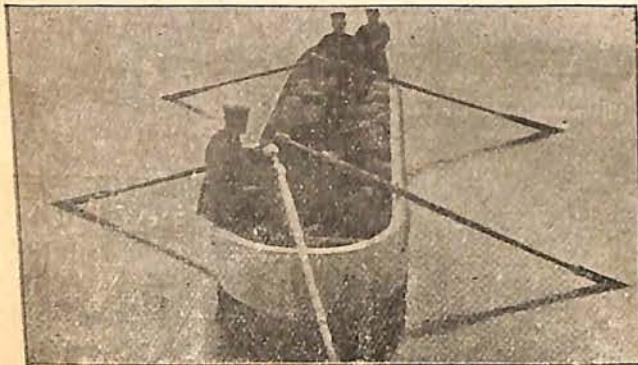
FIG. 89 — Vide n. 124

tura apeiam e guiam suas montadas na frente das parelhas, os serventes vão a pé, dos dois lados das viaturas.

(1) Este signal x significa : passos.

Os trens regimentaes e as columnas de munições e de viveres conduzem-se como a artilharia. A passagem de artilharia pesada e de comboios automoveis de exercito será regulada em cada caso pelo commandante da ponte. Nesses ultimos será preciso resolver si o carro motor deve pas-

#### Transposição da infantaria (18 homens)



Novo modelo de pontão

FIG. 90 — Vide n. 165

sar só, e depois puxar os reboques por um cabo. O pessoal servente fica nos seus carros; pôde ser necessário aliviar a carga para a passagem.

164. Pontes rápidas expeditas, e pontes rápidas, ditas reforçadas, de material de pontes de cavallaria, vide 99, 462, 465 e 481.

As pingueellas e as pontes urgentes (99) só dão passagem aos homens de um a um, sendo que as ultimas só com distâncias de 2 x ou mais.

165. Na transposição dos cursos d'agua é preciso cumprir as disposições estabelecidas pelos officiaes pioneiros. Embarca-se nos vehiculos pelos caminhos préviamente designados, com calma e em silencio.

Si não ha pontes de embarque e desembar-

#### Transposição de metralhadoras (1 secção sem os reparos)



FIG. 91 — Vide n. 165

que a infantaria mette-se n'agua. Empregando-se os bateis (\*) isoladamente os homens sentam-se no fundo com seu equipamento (\*\*) (figs. 90 e

(\*) Bateis do trem de pontes.

(\*\*) Nos de tipo antigo é preciso primeiramente tirar o equipamento.

91); si as embarcações são de propriedade particular, a lotação e a disposição do pessoal serão determinadas em cada caso.

Os cavallos devem ser dispostos nas balsas com a cabeça a montante (fig. 93). Para não espantalos é preciso evitar movimentos precipitados. Os cavalos muito inquietos vão no meio ou ficam para o fim. E' conveniente envolver o corrimão de palhás ou faxinas.

As peças de artilharia, metralhadoras e outras viaturas são dispostas nas balsas de modo a ficarem directamente acima das barcas e as cargarem por igual (fig. 87, 92 e 95); apertam-se-lhes os freios e se as immobilisam com calços nas rodas. Durante a transposição ninguem pôde sahir de seu lugar, mesmo que a embarcação oscilasse; só o commandante da embarcação é quem dá ordens. E' preciso imediatamente desimpedir o ponto de desembarque.

Transposição com o material de pontes da cavallaria (478, 479, 482 e fig. 95).

166. Capacidade dos trens de pontes.

#### 1. — Transposição

PARA TRANSPOR	Material de cavallaria (Bateis de apo)		Material do trem de p.	
	Bateis simples	Bateis de 2 bateis	Bateis simples	Bateis simples de 2 bateis
São necessários :				
Uma companhia de Infantaria .	24 ou 8	7	14 ou 4	
Idem, com um cavallo de sella .	9	7	4	
Idem, com o trem de combate .	12	9	6	
Um batalhão de infantaria . . .	32	28	56 ou 16	
Idem, com os cavallos de sella .	34	29	17	
Idem, com o trem de combate . .	47	37	25	
Uma companhia de metr. Inf. .	15	9	9	
Idem, com o trem de combate .	17	9	9	
Uma companhia de metr. Cav. .	23	12	12	
Idem, com o trem de combate .	27	14	14	
Um esquadrão de Cavallaria. .	40	23	23	
Idem, com o trem de combate .	43	25	25	
Uma bateria sem viaturas-mun.	19	10	10	
Idem, com as viaturas-munição.	36	19	19	
Idem, com o trem de combate .	42	23	23	

Um regimento de cavallaria dispõe de 2 bateis completos, portanto, uma balsa de 2 bateis.

Uma divisão de cavallaria dispõe de 12 bateis completos, portanto, seis balsas de 2 bateis.

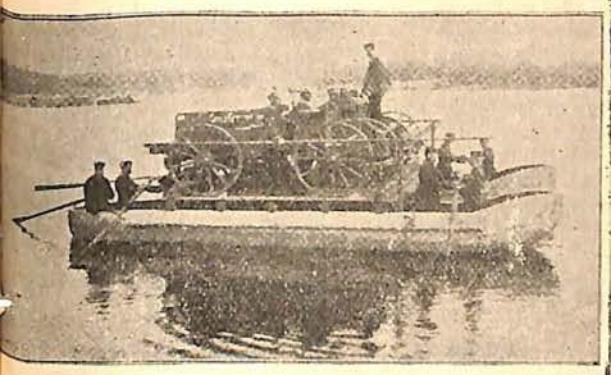
(\*) Um batei simples, tipo moderno, comporta 18 homens ou uma secção de metralhadoras, com as armas retiradas das viaturas.

(\*\*) Uma balsa comporta: 60 homens ou 6 a 7 cavallos com seus cavaleiros, ou uma viatura-metralhadora com sua atrelagem e serventes, ou uma peça de artilharia de campanha e os serventes da peça, ou 2 peças com serventes sem cavallos, ou uma viatura-munição com os cavallos que couberem.

Um trem de pontes divisionario dispõe de 6 bateis-pontões, e um trem de pontes de corpo de exercito de 26 bateis-pontões, por anto, respectivamente 3 e 13 balsas de 2 bateis-pontões.

*Exemplo de applicação da tabella:* Transportar um batalhão de infantaria em bateis-pontões simples, tipo moderno, de um trem de pontes divisionário.

## Transposição de metralhadoras. (1 secção completa)



*lta de pontões novo model*o  
FIG. 92 — Vide n. 165

Quantas viagens são precisas?

A tabella dá que o batalhão precisa de 56 bateis, o trem só dispõe de 6, portanto são precisos  $56 : 6 = 10$  viagens, ou melhor, 9 viagens de todos e mais uma de 2 delles.

## 2. = Lançamento de pontes

TRENS DE PONTES	(1) Comprimento da ponte			(2) Tempo de construção (Horas)	(2) Pessoal para construção (Cia. de eng.)
	Ponte rápida	Ponte de columna	Dita pesada		
1 trem divisionario . . . . .	m.	m.	m.		
1 trem divisionario . . . . .	60	35	20	1/2 - 1	1/3 - 1
2 ditos idem . . . . .	120	70	40	2	2/3 - 1
1 dito de corpo de exerc. . . . .	170	130	75	3	1 - 2
1 de corpo e 2 division. . . . .	300	200	120	5	2
1 dito e 3 idem . . . . .	360	230	140	5	2
1 dito e 4 idem . . . . .	420	270	160	6	2 - 3
			Ponte rápida		
	m.	m.	Larg. 2 m.		
			Larg. 3 m.		
	m.	m.	m.		
Trem de pontes de um regimento de cavalaria	20	12	8	1/2	1 sarg. <sup>to</sup> e 10 hom.

**Observações** — (1). Os comprimentos das pombas (em números redondos) entendem com o ma-

terial antigo ou moderno. O material tipo antigo só pôde ser empregado para pontes de columnas e ditas pesadas nos cursos de média velocidade; o de tipo moderno applica-se mesmo nas fortes correntezas, e como ponte de columna pesada suporta mesmo os comboios automoveis de exercito, inteiramente carregados.

Ponte rápida: para infantaria por filas, cavalaria a pé, um a um.

Ponte de columna para a passagem do exército em columna de marcha, sem os morteiros de 21 cm.

### Transposição de cavallaria (6 a 7 cavalos com seus cavaleiros)

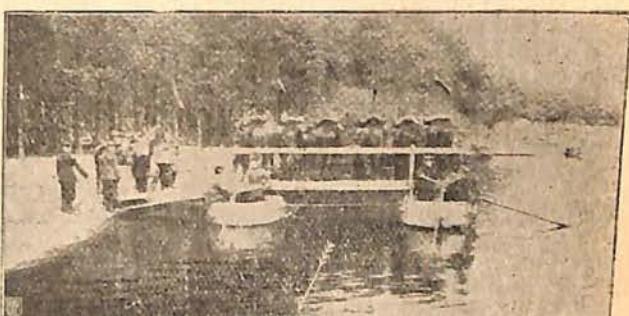
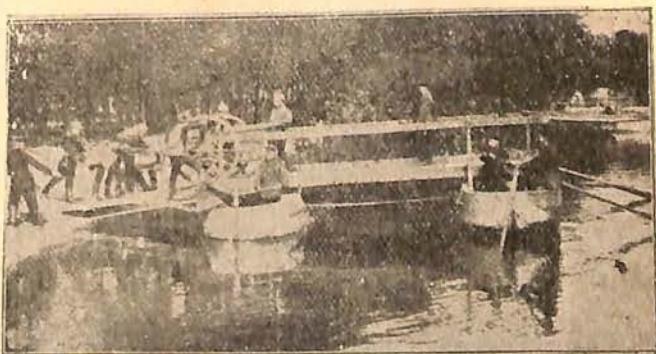


FIG. 93 — Vide n. 165

Dita pesada: para a artilharia pesada de sitio, ajuntamento de pessoal, comboios automóveis do exercito.

Ponte rápida, de 3 m. de largura (ponte reforçada de material de cavalaria): para infantaria em columnas de marcha com distâncias duplas das fileiras; cavalaria a pé, um a um; artilharia de campanha, metralhadoras, trens de combate com  $10 \times$  de distância, jogos dianteiro e traseiro separados.

Transposição de artilharia de campanha  
(1 v. peça com 3 cavallos e guarnição ou 2 v. peça com  
guarnição, sem cavallos)



Rampa solta, segundo fig. 76.  
FIG. 94 — Vide p. 165

2. Os dados das duas ultimas columnas são apenas indicações geraes para circumstancias favoraveis. Em cada caso particular só o official de pioneiros encarregado de dirigir o serviço

poderá calcular approximadamente o tempo e o pessoal necessarios.

#### Medidas de segurança e de salvamento nos exercícios de paz

167. Desenvolve-se consideravelmente a decisão de cada um e sua aproveitabilidade no serviço de passagem de rios, com a sua aptidão nataatoria. É pois necessário cuidar bem da instrução de natação.

Para os serviços mais difíceis só se devem empregar nadadores muito exercitados. Os exercícios com os recursos expeditos de que tratam os §§ 151 a 157 só devem ser realizados com bons nadadores. Em regra, quando n'um rio de corrente forte, um bote, barco ou batel vae de encontro a um obstáculo fixo (barco-supporte de ponte, estaca, cabo tenso) a embarcação embraca.

168. A jusante das pontes é preciso ter de promptidão mesmo durante a construção alguns botes de salvamento (cerca de um bote para 10 lanços), em situação tal que vejam bem os pontos onde se trabalha na ponte e possam accudir rapidamente.

Nas emprezas mais difíceis, especialmente na passagem por extensas pontes-rápidas, e á noite, é preciso aumentar as disposições preventivas.

#### Transposição da artilharia em balsas do material de pontes de cavalaria

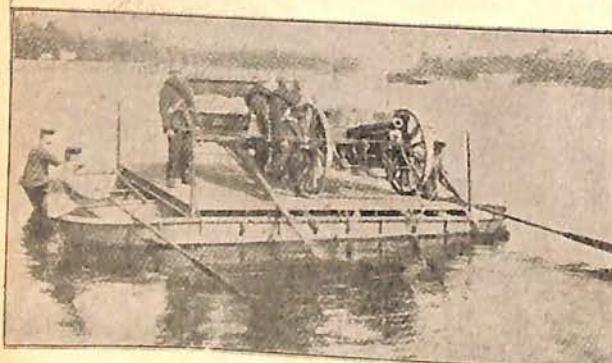


FIG. 95 — Vide n. 165

Providencias na passagem de vãos, vide 29.

169. Conforme a natureza das embarcações, a velocidade da corrente, as condições das margens nos pontos de embarque e desembarque pôde ser necessário também durante as transposições estabelecer barcos de salvamento. Nas pontes-volantes (147) convém levar um bote de salvamento a reboque curto. É preciso a máxima atenção em não sobrecarregar os veículos, especialmente os improvisados.

170. Os botes de salvamento devem ser guarnecidos de remadores (remos n'água), um habil timoneiro (sempre ao leme) e um nadador com um cinto de natação preso a um comprido cabo fixo no bote. Todos esses homens devem ser nadadores destemidos e resistentes. Do bote devem pender varias cordas curtas com nós, para facilitar que se segurem os homens cahidos n'água.

171. Pessoal medico deve assistir aos exercícios.

**Laboratorio Bactereológico** A propósito da nota publicou o nosso n. 18 verificamos que o art. 3º das Instruções Provisórias de 21 de Janeiro ultimo estabelece para os officiaes do Exercito e funcionários do M. G. o abatimento de 60% sobre os preços da tabella de pagamento de exames, analyses, etc.

#### LIVROS RECEBIDOS

Do Sr. major E. A. Werner:

I — Projecto para o emprego do material actual para a primeira formação de grupos de fuzis-metralhadoras — Imprensa Militar 1910.

II — Projecto para organização de unidades de fuzis, modelo Madsen, traduzido do alemão pelo capitão E. Werner e 2º tenente E. Vidal — Imprensa Militar 1910.

III — Regulamento de equitação para as armas montadas. Primeira parte. Traduzido do alemão pelo capitão E. Werner — Imprensa Militar 1910.

— Do Sr. 1º tenente Nilo Val:

IV — A guerra segundo as idéas alemãs e Kropatkin e o seu discurso de despedida. — Porto Alegre, 1913.

V — *Turquia política e militar* (Valor de sua contribuição á liga austro-alemã), do Sr. capitão reformado Augusto Sá.

VI — *O oficial subalterno da geração moderna*, conferencia realizada em 1914 pelo Sr. tenente Albin Monteiro, da Brigada Policial do Distrito Federal.

Gratos pelas ofertas gentis.

#### Subscrição para as famílias das vítimas dos "fanáticos" do Contestado

N. da lista	PROCEDENCIA	QUANTIA
Publicado no n. 17, pag. 196 — Saldo...	6:450\$500	
260 Officiaes do 11º R. I. ....	100\$000	
Juros.....	6\$000	
Total.....	6:556\$500	

Esta importância acha-se em poder do Exm. Sr. general de divisão F. Mendes de Moraes, digno presidente do Club Militar, o qual, como já publicamos no ultimo numero, gentilmente incumbiu-se de dar o destino a esse dinheiro.

Reiteramos a S. Ex. o nosso sincero agradecimento por haver condescendido em aceitar tal encargo, tornado mais difícil em face da diminutissima somma apurada.

Em o nosso n. 21 começaremos a publicar a relação das listas (167) que não lograram resposta.

#### EXPEDIENTE

Com este numero distribuimos o *decimo fascículo de Griepenkerl*.

\*

A *Defesa Nacional* deixa aos seus colaboradores a inteira responsabilidade das opiniões que emittirem em seus artigos.

*Klinger*

# Representantes da "A Defeza Nacional"

## No Rio de Janeiro

M. G. — 1.º Tte E. Leitão de Carvalho.

Gr. E. M. — 2.º Tte A. Dias dos Santos.

D. G. — Cap. J. A. Coelho Ramalho.

G. 2 — Cap. M. H. da Costa Santos.

G. 4 — 1.º Tte A. C. Pitta.

D. A. — 2.º Tte J. V. Dias dos Santos.

3º D. — 2.º Tte Columbano Pereira.

IV R. — 2º. Tte A. G. de Souza Mendes.

4º Br. C. — 1.º Tte O. Villa Bella e Silva.

6º Br. I. — 2.º Tte Christovam Barcellos.

Br. Pol. — 1.º Tte M. Castro Ayres.

1º R. I. — 1.º Tte J. F. Jucá.

2º R. I. — Cap. J. Sotero de Menezes.

3º R. I. — 1.º Tte Olintho T. de F. Marques.

52º Caç. — 2.º Tte Maciel da Costa.

58º Caç. — 1.º Tte J. de Souza Reis.

1ª Cia. Metr. — Asp. João Pereira de Oliveira.

2º Tte A. Cesar da Cruz. (intº)

Arsenal — Major Heitor C. Borges.

C. Deputados — Coronel Moreira Guimarães.

1º R. Cav. —

13º R. Cav. — 2º Tte Sylvestre Mello.

5º Br. I. — 1.º Tte Jucá.

1º E. Trem — 2.º Tte Cedar Marques da Silva.

1º R. A. — 1.º Tte Manoel de B. Lins.

3º G. Ob. — 2.º Tte Fiuza de Castro.

1º Bat. Art. — Cap. F. Escobar de Araujo.

2º Bat. Art. —

Imbuhy — Cap. Dr. Guimarães.

Copacabana — 1.º Tte F. J. Pinto.

1º Bat. Eng. — Tte Procopio de Souza Pinto.

Comm. Fortificação — 1.º Tte J. Francisco Duarte.

E. M. — Realengo, 1.º Tte Luiz M. de B. Fournier  
Alumno João Marques.

E. E. M. — P. Verm., 1.º Tte Eloy de S. Medeiros.

Coll. M. — 2.º Tte Q. de Castro e Silva.

2.º Tte Maximiliano Fonseca (interino)

Fabr. Realengo — 1.º Tte Freire de Vasconcellos

## Fóra do Rio de Janeiro

50º Caç. — Bahia, 2.º Tte Leal de Menezes.

53º Caç. — Lorena, 1.º Tte Mauricio J. Cardoso.

5º R. Cav. — S. Luiz, Tte Cel Leovigildo Paiva.

11º R. Cav. — Bagé, 1º Tte L. Almada Rodrigues.

12º R. Cav. — Jaguarão, Aspirante Ney Braga.

II Br. Cav. — Alegrete, 1.º Tte J. Avelino da Cunha

Coll. Barbacena — 1º. Tte Eduardo C. de A. Sá

Coll. P. Alegre — 1.º Tte Vicente da Fonseca.

1.º Tte Alexandrino Cunha (repr. honorario)

S. Gabriel — 1.º Tte Glycerio Gerpe.

III Reg. — 1.º Tte Custodio dos R. Principe.

VI Reg. — Capitão O. G. de Senna Braga.

VII Reg. — 1.º Tte Amaro Villa Nova.

3º R. Art. — Cruz Alta, Major J. Caetano Pereira

3º B. Art. — 1.º Tte Serôa da Motta.

4º B. Art. — Obidos, Cap. A. J. Pereira Junior.

6º B. Art. — Bahia, Tte Cel Pimenta.

7º B. Art. — Ipanema, Tte Leovigildo Areco.

8º B. Art. — Florianópolis, Major L. Cabral Teive

9º B. Art. — Rio Grande, Tte Sylvio Schleder.

16º Grupo — Tte Leunam Ribeiro.

18º Grupo — Bagé, Tte Salvador Obino.

Fabr. de Piquete — 1.º Tte Antonio R. de Rezende

Carta Geral —

Fabr. Estrella — Aspirante Maciel da Costa.

**E**m vista das diffículdades para obtermos cobrador idoneo, pedimos aos Srs. assignantes avulsos do Rio de Janeiro, que cada um engendre um meio de quitação, por exemplo: Caixa 1602—ou—Tte Maciel, 52 Caçadores—ou—Tte Klinger, 1º Regimento de Artilharia — ou — Papelaria Macedo Rua da Quitanda, 74. — Assignaturas : Semestre 5\$000, Anno 10\$000

Pagamento adiantado.